



RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Uma Caminhada de Desafios

Relatório de Estágio Profissional apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com vista à obtenção do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro).

Orientadora: Prof.^a Doutora Elisa Marques

Jorge Miguel Vieira Gomes

Porto, setembro de 2013

Ficha de Catalogação

Gomes, J. (2013). Uma Caminhada Recheada de Desafios. Porto: Gomes, J.
Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, PROFESSOR, VALOR DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESCOLA.

“A Provar a importância dada ao seu primeiro objeto de glória que remonta aos seus tempos de menina, numa prova escolar, está o facto de ter colocado tal pequena medalhita junto das restantes que a tornam imortal: a medalha de campeã em Seul, o bronze dos jogos Los Angeles e o ouro dos campeonatos do mundo de Roma.”

In “A Bola, especial Desporto escolar”, 1999, sobre a atleta Rosa Mota

Agradecimentos

Este Documento não representa apenas o resultado de extensas horas de estudo, reflexão e trabalho durante as diversas etapas que o constituem. É igualmente o culminar de um objetivo académico a que me propus e que não seria possível sem a ajuda de um número considerável de pessoas.

À Professora Doutora Elisa Marques, minha orientadora, pelo seu sentido crítico e por todas as sugestões pertinentes. Quero agradecer todo incentivo e autonomia que me disponibilizou para a concretização deste trabalho.

Ao Mestre Fernando Cardoso, meu professor cooperante, por todo o trabalho de orientação, mas sobretudo pela partilha de conhecimentos, experiências, palavras de incentivo, de ajuda, companheirismo e amizade.

Ao Grupo de Educação Física, por todos os bons momentos que me proporcionaram.

À Professora Olga Mendonça por me ter dado a oportunidade de apoiar no Desporto Escolar.

Aos meus pais e irmão, por todo o amor que sempre me deram, por estarem comigo nos momentos mais difíceis da minha vida.

Aos meus companheiros de estágio, Rui Cordeiro e Verónica Silva, pela amizade, compreensão, partilha de conhecimentos e incentivos.

Aos meus alunos, pelo ano letivo que me proporcionaram e me fizeram crescer como professor.

A todos os meus professores que, desde o primeiro ao último ano, me transmitiram conhecimentos, valores, comportamentos e alegria.

A todas as pessoas que preencheram o meu questionário, contribuindo assim para o sucesso do meu estudo.

E peço desculpa se me esqueci de alguém, mas tudo o que escrevi é pouco para expressar a minha gratidão a todos aqueles que fizeram parte da minha vida, nos momentos bons e menos bons.

A todos vocês o meu sincero OBRIGADO.

Índice Geral

ABREVIATURAS	XV
Resumo	XVII
Abstract	XIX
1. INTRODUÇÃO	1
2. O PONTO DE PARTIDA	7
2.1 O meu percurso	9
2.2 Expectativas e reflexão atual em relação ao estágio.	10
2.3 Contributo da minha experiência desportiva.....	11
3. PARA ONDE VOU, INTERESSA CONHECER	13
3.1 Contexto legal, institucional e funcional do estágio profissional.....	15
3.2 Caracterização geral da turma	19
3.3 Relação com a turma	20
3.4 Estudo “O Valor da Educação Física na Escola”	22
3.4.1 Resumo	22
3.4.2 Introdução.....	23
3.4.3 Objetivos.....	26
3.4.4 Material e Métodos	26
3.4.5 Procedimentos Metodológicos	27
3.4.6 Análise estatística	27
3.4.7 Apresentação dos resultados.....	28
3.4.8 Discussão dos Resultados	38
3.4.9 Conclusão.....	39
3.4.10 Sugestões	40
4. A CAMINHADA E OS SEUS DESAFIOS	41
4.1 Os Primeiros Momentos na Escola.	44
4.2 Organização do Processo de Ensino e da Aprendizagem.....	45

4.2.1 A Fase de Conceber.....	49
4.2.2 O Delineamento da Ação: Planear Para Melhor Atuar.	50
4.2.3 Os Momentos Especiais: Realizar o Ensino e a Aprendizagem.	54
4.2.4 A Necessária Tarefa de Avaliar.....	64
4.2.5 A aplicação do Modelo de Educação Desportiva	68
4.3 Participação na Escola e Relações com a Comunidade.....	71
4.3.1 As Reuniões.	72
4.3.2 Colaboração nas atividades promovidas pelo núcleo de Educação Física..	73
4.4 Relação com a Comunidade	78
4.4.2 Centro de Recursos	81
4.4.3 Sala de Integração ao Aluno (SIA).....	82
4.5 Desenvolvimento Profissional	84
4.5.1 Ação de Formação na Escola	88
4.5.2 A Importância da Reflexão.....	89
5. CONCLUSÃO E UMA ANTEVISÃO DO FUTURO.....	93
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
7. ANEXOS	XXI

Índice de Quadros

Quadro 1 - Características da amostra (n=124).....	28
Quadro 2 - Análise descritiva (frequência absoluta e relativa) dos desportos praticados.....	29
Quadro 3 - Análise descritiva e comparativa das variáveis dependentes nos dois grupos [alunos do 10º ano de escolaridade (G10) e 11º ano de escolaridade (G11)] .	30
Quadro 4 - Análise descritiva (frequência absoluta e relativa) das disciplinas escolhidas pelos alunos na categoria “disciplina preferida” .	31
Quadro 5 - Análise descritiva (frequência absoluta e relativa) das disciplinas escolhidas pelos alunos na categoria “disciplina que menos gosto”.....	31
Quadro 6 - Análise descritiva das características relativas à participação nas aulas de Educação Física.	32
Quadro 7 - Análise descritiva dos atributos associados às aulas de educação física.	33
Quadro 8 - Análise descritiva das afirmações relativas à importância das aulas de educação física.....	33
Quadro 9 - Análise descritiva das características das aulas de educação física que agradam aos alunos.	34
Quadro 10 - Análise descritiva das características das aulas de educação física que desagradam aos alunos.....	35
Quadro 11 - Valores da média dos postos e valores de p relativamente a todas as categorias em análise nos dois grupos.....	36
Quadro 12 – Nível de importância atribuída à educação física na sua formação a nível do ensino secundário.....	38

Índice de Figuras

Figura 1 - Oferta Educativa para o Ensino Secundário	17
Figura 2 – Plantas da Escola.....	18

Índice de Anexos

Anexos 1 – Questionário para os Alunos sobre “O Valor da Educação Física na Escola”	XXI
--	-----

ABREVIATURAS

- ACP** – Atividades de Coordenação e Planeamento
- EP** – Estágio Profissional
- FADEUP** – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
- MED** – Modelo de Educação Desportiva
- NE** – Núcleo de Estágio
- PFI** – Projeto de Formação Individual
- RE** – Relatório de Estágio
- UD** – Unidade Didática
- DE** – Desporto Escolar
- RE** – Relatório de Estágio

Resumo

Este Relatório de Estágio teve como objetivo fundamental analisar criticamente os momentos mais importantes que ocorreram ao longo do Estágio Profissional. Para tal, a reflexão foi a condição fundamental para que novos significados pudessem ser extraídos do contributo deste processo para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. O Estágio Profissional decorreu na Escola Secundária de Rio Tinto, num núcleo de estágio constituído por três elementos. Todo o processo foi acompanhado por um professor da escola, designado Professor Cooperante, e uma professora da Faculdade, designado Professora Orientadora. Este documento está organizado em cinco capítulos. O primeiro refere-se à “Introdução”. O segundo designa-se “O Ponto de Partida”, e contém uma reflexão sobre a minha história de vida e o que me trouxe a querer ser professor, assim como as minhas expectativas em relação ao estágio. O terceiro diz respeito ao enquadramento da prática profissional, tendo-o designado por “Para Onde Vou, Interessa Conhecer”. Este contém a caracterização dos diferentes contextos em que o Estágio Profissional se encontra inserido, assim como o aprofundamento de temáticas consideradas relevantes, como o valor e a importância da Educação Física no meio escolar. Este capítulo inclui ainda o estudo que desenvolvi relativos à perceção dos alunos sobre a importância e o valor que atribuem à disciplina de Educação Física. No quarto capítulo “A caminhada e os Seus Desafios” revejo todo o processo de estágio tendo em conta as três/quatro áreas de desempenho do docente, baseando-me nas reflexões elaboradas ao longo do ano letivo e tentando visualizar novos significados daquilo que vivenciei. Por fim, no quinto capítulo, “Conclusão e uma Antevisão do Futuro”, salienta-se a particularidade e o grande contributo desta experiência na minha formação e são reveladas as perspetivas futuras em relação à minha vida profissional e pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, PROFESSOR, VALOR DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESCOLA

Abstract

This Internship Report aimed to critically analyze the most memorable moments that occurred during the Internship. Therefore, the reflection was requirement to new meanings could be extracted from the contribution of this process to my professional and personal development. The Traineeship was held at The Rio Tinto High School, in a core stage that consisted of three elements. The whole process was accompanied by a school teacher, named Cooperating Teacher, and a professor from the University appointed Advisor Professor. This document is organized into five chapters. The first refers to the "Introduction". The second is called "Point of Departure", and contains a reflection on my life story and what brought me to want to be a teacher, and I discuss the expectations in relation to the internship. The third concerns the framework of professional practice, and it called "Where I am going, is interesting to know." This includes the characterization of the different contexts in which the internship is developed, as well as the elaboration of themes considered relevant, such as the value and importance of physical education in schools. This chapter also includes the study theta I developed about the perception regarding the importance and value of Physical Education classes. In the fourth chapter "The Walking and Its Challenges" I revisit all the internship process taking into account the three / four areas of teacher performance, based in the reflections that I composed over this academic year. I tried to picture new meanings about those experiences. Finally, in the fifth chapter, "Conclusion and Preview of the Future", it is highlighted the uniqueness and the major contribution of this involvement in my training and the future prospects are revealed in relation to my professional and personal life.

KEYWORDS: STAGE PROFESSIONAL TEACHER, THE VALUE OF PHYSICAL EDUCATION, SCHOOL.

1. INTRODUÇÃO

O presente documento representa em traços muito gerais, o registo pessoal das (boas ou menos boas) experiências vividas ao longo do estágio, o que significa que passa desde das dificuldades do pré-estágio descritas num primeiro momento no Projeto de Formação Individual (PFI), bem como as expectativas e objetivos, passando pelo desenvolvimento deste processo até ao momento de conclusão do Estágio Profissional (EP).

O Relatório de Estágio (RE) aparece então como uma reflexão sobre o meu percurso de formação ao longo de todo o EP, sendo esta formação não só do ponto de vista profissional, mas também pessoal.

Este documento inclui o estudo que se centrou num tema que considero pertinente, nomeadamente conhecer o que os alunos valorizam na disciplina de Educação Física, para assim caracterizar o seu atual valor, à luz da opinião de estudantes do ensino secundário do 10º e 11º anos de escolaridade.

O Estágio Profissional (EP) constitui a componente prática dos cursos de formação de professores. Permite o início do desempenho da função docente através do envolvimento dos estagiários em atividades letivas e de formação, que requerem reflexão sobre aquilo que os mesmos experienciam, o seu impacto na ação profissional e os efeitos das suas decisões nos alunos (Freire, 2001). A mesma autora refere-se ao EP como a primeira vivência autêntica da prática profissional, que proporciona a aquisição de um saber, de um saber fazer e de um saber julgar as consequências das ações didáticas e pedagógicas envolvidas no quotidiano profissional.

Esta fase final da formação inicial também é entendida como um projeto de formação do estudante estagiário através da integração do conhecimento proposicional e prático requerido para o desempenho da função docente, numa interpretação atual da relação teoria-prática e contextualizando o conhecimento no espaço escolar (Matos, 2012). Neste sentido, trata-se do palco ideal para o desenvolvimento pessoal e profissional, já que permite o envolvimento num conjunto de papéis, atividades e responsabilidades, de âmbito e natureza distintas, em interação com os diferentes agentes constituintes da comunidade educativa (Caires & Almeida, 2003).

Albuquerque (2003) considera o EP um agente de socialização de excelência, na medida em que proporciona as primeiras experiências de intervenção pedagógica que, possivelmente, marcaram todo o percurso profissional.

Sendo o EP um processo relativamente longo, espera-se que promova as mais variadas aprendizagens a quem passa por ele, de forma que certos objetivos sejam atingidos. Pretende-se que se formem professores profissionais, promotores de um ensino de qualidade, que analisem, reflitam e saibam justificar o que fazem em consonância com os critérios de profissionalismo docente (Matos, 2013). Esses profissionais deverão dominar um conjunto de competências importantes para a sua área, tendo em vista um maior conforto no papel e tarefas que lhe estão inerentes (Caires, 2001) e a construção ativa da forma pessoal de conhecer, bem como de se inteirar das normas, dos valores e da cultura de uma classe profissional de que está prestes a fazer parte (Caires & Almeida, 2003).

Caires (2001) defende que também deverão ser objetivos do EP a aplicação dos conhecimentos da formação prévia ao longo do percurso académico, a criação de condições que promovam o desenvolvimento pessoal do estudante estagiário, para que, ao resolver os seus problemas, possa ser capaz de ajudar os outros na resolução dos deles.

Por seu lado, Freire (2001) caracteriza o EP como uma oportunidade para os estagiários aprenderem a investigar as suas práticas, o que significa promover a reflexão na ação e sobre a ação, atitudes que proporcionam a aquisição de conhecimentos sobre como ensinar, a consciencialização de crenças relativas ao ensino e o desenvolvimento pessoal e profissional.

Espera-se ainda que o professor estagiário adquira um saber fazer sólido, que apele à atuação inteligente e criativa e lhe permita atuar em contextos complexos e diferenciados, interagindo constantemente com a realidade com que, a cada momento, se depara (Albuquerque, 2003). O presente Relatório resulta de um ano em que vivi experiências enriquecedoras a nível profissional, e visa retratar e expor grande parte das aprendizagens, conquistas, desejos,

preocupações, dificuldades e desafios com que me fui confrontando, tendo sempre a noção de que será difícil traduzir tudo em palavras.

Neste documento, a reflexão sobre os processos essenciais vividos ao longo do estágio (investigação, reflexão e ação) assume uma grande relevância e levar-me-á a uma melhor tomada de consciência e a novos entendimentos de tudo o que envolveu o EP e sobre “o Valor da Educação Física na Escola”, isto é, a sua importância, à luz da percepção dos alunos. Durante o processo de Estágio, procurei essencialmente potenciar as minhas capacidades e, minimizar as dificuldades sentidas de forma a contribuir para o desenvolvimento de cada aluno, e obviamente o meu próprio desenvolvimento.

Espero que este relato crítico consiga exprimir a minha experiência de Professor/Estagiário, o meu progresso, e tudo que realizei com persistência e dedicação.

2. O PONTO DE PARTIDA

2.1 O meu percurso

“Sucesso não é o final, fracasso não é fatal: é a coragem para continuar que conta”

(Sir Winston Churchill)

De forma a refletir sobre quem sou e perceber o que me levou a seguir este caminho, não posso pôr de parte todas as experiências pessoais que, ao longo da minha vida, de alguma maneira, influenciaram e influenciarão as minhas decisões. A ligação ao desporto merece destaque, uma vez que, sem qualquer dúvida, foi o que me inspirou na escolha deste percurso académico, me orientou até ao EP e, em parte, me motivou a ser professor de Educação Física.

É importante conhecer o meu passado para assim revelar o porquê de algumas decisões.

À minha família devo a maior parte do sucesso da minha vida, pois são eles o grande “ pilar” do meu sustento e, embora eu já tenha trabalhado noutras áreas que não o desporto, e confesso que o momento atual no qual vivemos não é o melhor, contudo afirmo convictamente que nunca me faltou nada. Garantidamente, tudo o que sou hoje devo-o a eles, e outra parte ao meu trabalho e esforço.

Falando agora do meu percurso escolar, sempre fui um aluno empenhado e trabalhador, aliando a experiência de ter passado por diferentes estabelecimentos de ensino. Depois de concluir o ensino secundário trabalhei durante dois anos noutras áreas que não o desporto, e ao fim desses dois anos decidi então ingressar no ensino superior (comecei no Instituto Piaget, e depois na FADEUP).

Quando comecei a praticar desporto não foi porque gostava mas sim por problemas de saúde, devido a ser asmático, no entanto com o passar do tempo apaixonei-me pela área do Desporto e nunca mais a larguei. - Pratiquei vários desportos como o meu querido ténis de mesa, voleibol, basquetebol, e andebol em desporto escolar futebol, e canoagem em desporto federado. - Por isso, escolhi esta área, porque desde pequeno que gosto de praticar desporto, de competir, de ajudar os outros a acreditarem em si mesmos e a cuidarem da sua

saúde através do desporto. Deste modo, foi com um enorme orgulho que me vi na melhor faculdade de Desporto do país, a FADEUP. Reconheço que tive bastantes dificuldades em ultrapassar com sucesso algumas unidades curriculares, mas que consegui concluí-las. No último ano da licenciatura trabalhei e estudei ao mesmo tempo como professor de Fitness e professor de natação em ginásios nas áreas do Porto, Maia e Vila Nova de Gaia. Concluído este ciclo, dei início a outro, o qual termina agora. Nestes 4 anos, conheci grandes pessoas, fiz grandes amizades, apreendi muitos saberes e alarguei os meus conhecimentos.

2.2 Expectativas e reflexão atual em relação ao estágio

Estágio! Aquele ano ansiado por grande parte dos estudantes da nossa “casa”, onde as expectativas são muitas e as inseguranças também. Olhamos para trás e pensamos, será que sou capaz? Será que tudo o que aprendi é suficiente?

Espero acima de tudo ter conseguido corresponder às expectativas, com o apoio do Professor Cooperante e da Orientadora da Faculdade, no desempenho das minhas tarefas de forma assertiva, onde aprendi muito, e tentei aplicar tudo aquilo que aprendi ao longo dos anos.

Sinto vontade de ensinar, de transmitir este grande gosto e fascínio que tenho pelo desporto. Foi para mim um desafio contagiar os alunos com esta paixão e fazer parte do seu processo de aprendizagem e de crescimento pessoal, para os tornar desportivamente cultos, entusiastas e competentes a partir do Modelo de Educação Desportiva.

Tinha como expectativa poder marcar os alunos de forma positiva, formá-los como indivíduos ativos na sociedade, respeitados e respeitadores. Gostei acima de tudo ver os meus alunos a evoluir e crescer ao longo do ano, com os meus ensinamentos, como eu também aprendi muito com eles.

Relativamente ao grupo de Educação Física, foi mantida sempre uma boa relação de trabalho com os meus colegas. O trabalho realizado ao longo do ano demonstrou o empenho, a organização e a entreatajuda no trabalho

desenvolvido, tendo sempre os alunos como ponto central do processo de ensino-aprendizagem.

Em relação do Grupo de Estágio, fomos um grupo trabalhador e definimos entre nós uma dinâmica de cooperação e de ajuda que nos facilitou o trabalho ao longo do ano. Ao juntar os nossos conhecimentos e as nossas competências torna-mos o nosso trabalho mais completo, e as críticas construtivas foram a base de bons momentos de reflexão.

A orientação, a par da supervisão, é algo fundamental num ano em que nos sentimos perdidos. Precisamos de alguém que nos guie, que nos oriente e que nos ajude a percorrer este longo caminho até à conclusão do Mestrado.

2.3 Contributo da minha experiência desportiva

Apesar da minha experiência desportiva como atleta e treinador me proporcionar uma maior preparação e vontade no primeiro confronto, com esta nova realidade, na verdade o desejo que alguns alunos atingissem um bom desempenho acabou por ser fonte de alguma ansiedade nos primeiros momentos.

No entanto, acredito que a minha ligação ao desporto contribuiu para uma melhor integração e convívio com toda a comunidade educativa. Os laços e as relações criadas no contexto desportivo facilitaram a integração, a comunicação, a linguagem e a relação com o outro. A capacidade de liderança proveniente da minha experiência enquanto treinador facilitou as tarefas de condução e supervisão da aula, embora tenha trabalhado também com o apoio do núcleo de estágio (NE), para a melhoria e aperfeiçoamento da supervisão do controlo dos alunos nas aulas. Acresce que os sentimentos e os valores emergentes do desporto contribuíram para uma maior partilha e sentido de pertença à turma. A vivência e o interesse com as várias modalidades desportivas possibilitaram um maior conhecimento sobre os vários conteúdos e formas de os transmitir.

Em suma, acredito que todas as minhas vivências desportivas, contribuíram de forma bastante positiva para o exercício desta nova função.

**3. PARA ONDE VOU, INTERESSA
CONHECER...**

O EP, é enquadrado entre três diferentes contextos, sendo estes o contexto legal, que abrange a legislação específica do mesmo; o contexto institucional que se refere à posição desta unidade curricular no nosso plano de estudos e por fim o enquadramento funcional referindo-se ao contexto em que a nossa prática é realizada, nomeadamente as características da escola em que realizamos o estágio profissional e do próprio meio envolvente.

3.1 Contexto legal, institucional e funcional do estágio profissional

No EP existe também funcionar como suporte e estrutura de todo o exigências legais, institucionais e funcionais, a que este obedece.

No que diz respeito ao contexto legal, o modelo de EP adotado pela FADEUP no ano letivo de 2012/2013, encontra-se regulamentado pelos princípios decorrentes das orientações legais que constam do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março, que tem como base a concretização do Processo de Bolonha, e do Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro (p. 1320), que “define as condições necessárias à obtenção de habilitação profissional para a docência num determinado domínio e determina, ao mesmo tempo, que a posse deste título constitui condição indispensável para o desempenho docente, nos ensinos público, particular e cooperativo e nas áreas curriculares ou disciplinas abrangidas por esse domínio” (Ministério da Educação, 2007).

No quadro institucional, o EP constitui-se como uma unidade curricular do 2º Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensino Básico e Secundário, e sucede no terceiro e quarto semestres deste ciclo de estudos. A sua estrutura e funcionamento têm em conta o Regulamento Geral dos Segundos Ciclos da Universidade do Porto, o Regulamento dos Segundos Ciclos da FADEUP, o Regulamento respeitante ao Grau de Mestre em Ensino da Educação Física, tal como as restantes normativas da unidade curricular do EP.

Em termos funcionais, o EP decorre num NE sendo os estudantes estagiários responsabilizados pela condução do processo ensino-

aprendizagem de uma turma (do ensino básico ou secundário), cujo professor titular é o Professor Cooperante, durante um ano letivo. Assim, terão a seu cargo todas as tarefas inerentes a esse processo, ou seja, a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação do ensino. Cabe ao Professor Cooperante (docente da escola onde se realiza o estágio) supervisionar todo o trabalho desenvolvido pelos professores estagiários, em interação com o professor orientador (docente da faculdade).

No que concerne à minha experiência, a convivência diária com o Professor Cooperante na escola, as reuniões semanais definidas em NE e os momentos informais foram oportunidades para aprender mais um pouco, para tentar formar novas ideias, novos métodos e novos saberes. A sua atitude questionadora ajudou-me a desenvolver as minhas ideias sobre como ensinar e estar na aula, e a boa relação existente permitiu a discussão aberta de todos os assuntos.

A seleção da escola a estagiar nada teve a ver com as características deste professor, até porque não o conhecia, mas não hesitaria considerá-la novamente como uma das minhas primeiras escolhas, por tudo o que tive em aprender ao lado do professor Fernando Cardoso, dos meus colegas de NE, como os restantes professores da escola secundária.

A 30 de Junho de 1982, foi criada a Escola secundária de Rio Tinto, que utilizou as instalações da Escola Preparatória, sendo esta solução provisória, pois o espaço disponível, não permitia conter toda a população estudantil de Rio Tinto. Era necessário criar um novo edifício que começou a ser planeado em 1987, mas apenas foi concluído em 1992. Os alunos que a escola acolhe, são oriundos de uma vasta área geográfica, na sua maioria das freguesias de Rio Tinto, Baguim do Monte e Fânzeres. Esta escola engloba dois níveis de ensino, o básico (7º, 8º e 9º) e o secundário (10º, 11º e 12º) que inclui a oferta descrita no quadro 1. Atualmente, estão inscritos 426 alunos no 3º ciclo e 1322 alunos no ensino secundário, ou seja, 1748 alunos frequentem diariamente esta escola. A escola apresenta uma grande diversidade de oferta educativa, fornecendo, um grande apoio educativo à comunidade.

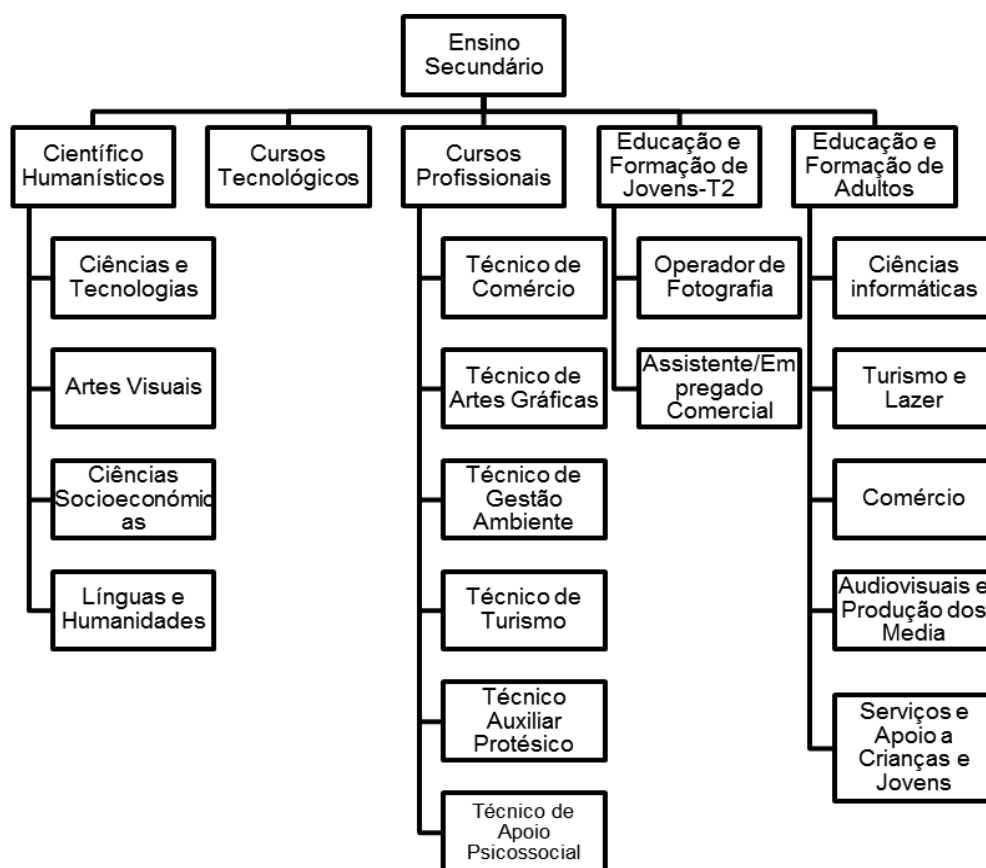


FIGURA 1 - Oferta Educativa para o Ensino Secundário

O corpo docente da escola é constituído por 178 professores coadjuvados na sua missão por 24 assistentes operacionais que dão apoio aos espaços da escola e 13 assistentes técnicos que dão apoio administrativo. Sendo também esta instituição a única Escola Secundária da cidade de Rio Tinto, as novas instalações são uma mais-valia não só para os Professores, que nas mesmas têm melhores condições para lecionar, mas também para os alunos que têm uma boa oportunidade de tirar proveito, refletindo-se no seu sucesso escolar. Desta forma, dispomos de excelentes condições para a nossa prática docente enquanto estudantes-estagiários, não só devido às novas instalações mas também por termos ao nosso dispor uma grande variedade de material.

No ano letivo de 2009/2010 iniciaram-se as obras de renovação da Escola Secundária de Rio Tinto, uma vez que esta escola foi inserida no Programa de Modernização das Escolas do Ensino Secundário. Estas alterações dotaram a

escola de melhores condições para o trabalho diário da comunidade escolar em geral, onde nós como estudantes-estagiários temos o prazer de poder lecionar/estagiar, já com as obras concluídas (ver figura 2).

FIGURA 2 – Plantas da Escola



Para as aulas de Educação Física, a escola possui sete espaços, sendo três dentro do Pavilhão Gimnodesportivo – G1, G2 e G3 –, dois no Ginásio - G4 e G5 – e dois exteriores – G6 e G7. Todos estes espaços estão previamente destinados para os Professores no quadro de rotação. No entanto, em condições climatéricas menos favoráveis, quem está a lecionar no G7 e no G6 desloca-se para o G2 e G4, respetivamente. Relativamente aos balneários, as turmas que têm aulas no espaço G6 e G4 equipam-se no Ginásio. Para os restantes espaços equipam-se no Pavilhão Gimnodesportivo. O Pavilhão Gimnodesportivo e o Ginásio (G4) têm marcações de campos de futebol, andebol, badmínton, basquetebol e voleibol com duas balizas e tabelas de

basquetebol. Quanto ao espaço G6 tem as mesmas características que os anteriores, excetuando as medidas do campo de voleibol. Em contrapartida, tem uma caixa de salto. O espaço G5 é destinado para a dança e ginástica. O espaço G7 é constituído por dois cortes de ténis e tabelas de basquetebol.

3.2 Caracterização geral da turma

Uma das primeiras decisões que tivemos de tomar foi de, assumirmos desde logo a aula apresentação à turma. Como é óbvio, esta aula serviu de entrada para a minha apresentação aos alunos, bem como para as suas apresentações, dado ser o nosso primeiro encontro. Este primeiro contato é muito importante, para que haja uma relação mútua de interesses e expectativas entre professor e alunos. Deste modo, esta aula foi preparada com muita atenção e cuidado. A primeira aula foi uma aula atípica em que se realizou o teste diagnóstico às capacidades cognitivas dos alunos. Durante este teste diagnóstico, fui tirando as dúvidas aos alunos em aspetos que eu saiba responder, no final do teste diagnóstico, entreguei a cada um dos alunos uma ficha de caracterização individual, para depois efetuar a caracterização de turma.

A turma do 10º era inicialmente constituída por 23 alunos, mas no final do primeiro período incluía 28 alunos, 21 alunos do sexo feminino e 7 alunos do sexo masculino com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos.

A média de idades dos encarregados de educação na sua maioria situa-se entre os 40-50 anos. O ensino secundário e o 2º ciclo são as habilitações literárias mais comuns, embora haja um encarregado de educação apenas com o 1º ciclo, um com uma licenciatura, contudo uma pequena parcela de alunos não sabe e/ou não respondeu a esta questão.

A nível escolar, 21 dos estudantes nunca ficaram retidos em anos anteriores, e portanto os restantes 7 ficaram retidos em anos anteriores. Como ambição académica os 25 alunos e alunas têm a expectativa de ingressar no ensino superior (maioria – área de saúde). Destaco duas estudantes que ainda

não sabem a profissão que gostariam de ser no futuro, e 6 estudantes que pretendem seguir a área de Medicina.

Os estudantes elegeram a Educação Física e a Matemática como disciplina menos preferida. Há aqui um contrassenso, uma vez que alunos querem seguir engenharia e medicina em que a Matemática é uma das bases fundamentais para estas duas áreas.

A maioria dos alunos gosta de Voleibol, seguido do Basquetebol e Futebol. O voleibol e o futebol são as modalidades mais solicitadas pelos estudantes, no entanto a modalidade Ginástica Artística é a que menos gostam. Dezassete estudantes praticam pelo menos uma modalidade desportiva com regularidade e 11 estudantes não praticam qualquer modalidade desportiva. Dos que praticam, 6 estudantes são federados (na modalidades basquetebol, futebol, e futsal) e os restantes estudantes praticam modalidades desportivas por lazer (natação, dança, jogging, badminton e Ballet).

Apesar de ter sido apresentado como estagiário pelo professor cooperante, o facto de liderarmos desde logo a primeira aula mostrou-se um fator positivo, nomeadamente no que diz respeito ao controlo da turma.

3.3 Relação com a turma

A turma no início do ano, mostrou ser uma turma empenhada, disciplinada, como um bom relacionamento com o professor, motivada para aprender, e trabalhar nas tarefas propostas. No primeiro período a turma correspondeu e excedeu as minhas expectativas, principalmente na ginástica acrobática, em que demonstraram grande cooperação e trabalho de equipa entre todos, tendo a turma no geral um empenho e desempenho muito elevados. Nesta modalidade os alunos até treinaram fora do horário curricular, orientados por mim, para aperfeiçoarem o melhor possível as suas sequências, o que demonstrou uma grande envolvimento na disciplina da Educação Física.

Logo no início do segundo período a turma revelou um comportamento, completamente diferente, sem vontade de trabalhar em conjunto alegando

muitas vezes o desagrado pela modalidade de andebol. Em alguns casos esta dificuldade era causada por alguma infantilidade e distração, noutros por algum desrespeito e desinteresse pelo professor, uma redução significativa no nível de desempenho, embora alguns alunos tenham continuado a esforçar-se e a trabalhar, dada a influência negativa de outros alunos da turma, não alcançaram o sucesso desejado. Muitos alunos começaram a faltar com regularidade, obrigando assim, a fazer ajustes constantes das equipas criadas, levando à impossibilidade de aplicação do MED.

Na dança os alunos voltaram a ter motivação e um bom desempenho, conseguindo alcançar um bom resultado interessante do ponto de vista motor e criativo, embora não tenha sido fácil por vezes controlar o comportamento de alguns alunos que influenciavam outros alunos que se comportavam inadequadamente, e influenciavam também os restantes colegas.

No último período os alunos começaram com empenho e um bom desempenho relativamente bons, no badmínton e atletismo. Estavam normalmente motivados com grande concentração para realizarem as tarefas propostas, embora na modalidade de futebol (fundamentalmente pela falta de interesse das alunas) o seu desempenho tenha voltado a descer. Como forma de combater esse desinteresse e a menor qualidade técnica e tática, optei por trabalhar a modalidade de futebol por níveis. Esta forma de trabalho/Organização dos alunos permitiu melhorar em os níveis de desempenho subiram novamente, e conseqüentemente a motivação e entusiasmo dos alunos pelas aulas de Educação Física.

3.4 Estudo “O Valor da Educação Física na Escola”

3.4.1 Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar as percepções dos alunos, no que diz respeito as suas percepções (pessoais, atitudes, crenças e valores) relativas à disciplina de educação física.

A amostra é constituída por 124 jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos, pertencentes ao 11º ano de escolaridade da Secundária de Rio Tinto do Concelho de Gondomar.

O instrumento de avaliação utilizado foi o questionário.

Os principais resultados e conclusões obtidas neste estudo foram os seguintes: (1) a grande maioria dos alunos revelou a importância percebida da EF em que n=102 dos 124 alunos que responderam ao questionário, escolheriam a disciplina de EF caso ela fosse de caráter opcional, (2) os alunos manifestaram uma atitude favorável na atribuição da disciplina de EF como sendo a mais preferida, (3) os alunos, em geral, manifestaram uma atitude, claramente mais desfavorável, para com o escasso tempo de aulas, e a nota ter deixado de contar para a média final; (4) 49,2% dos alunos não praticam qualquer atividade desportiva; (5) não houve diferenças significativas entre o grupo de 10º ano com o grupo de 11º ano no que toca aos aspetos de importância percebida da disciplina na escola, nas características que agradam e desagradam a EF, nos atributos e participação das aulas de EF.

Depois de todos os resultados apurados, constatou-se que, os alunos valorizam a disciplina de EF, pelos seus conteúdos e benefícios das aulas. Na comparação entre o 10º e 11ºanos verificámos que não houve diferenças significativas nas respostas sobre o valor da EF na escola e de quem a leciona.

Palavras chave: Desporto, Desporto Escolar, Valor, Educação Física, Escola.

3.4.2 Introdução

A escola, local onde os alunos passam a maior parte do seu tempo, deve ser privilegiada para a formação da prática desportiva dos mais jovens, para que os alunos adquiram as aprendizagens essenciais e hábitos para toda a vida.

Num estudo realizado por Sampaio (1996), envolvendo cerca de 10.000 alunos, chegou-se à conclusão que a Escola continua a ser um local de instrução onde os professores debitam matéria e avaliam apenas conteúdos; os jovens não participam em projetos educativos porque estes não existem; os jovens são impedidos constantemente de participarem na vida da Escola.

Segundo o mesmo autor a escola não deve ser apenas um lugar de instrução, mas tem de ser um local onde se personaliza, socializa e educa o aluno. Tem de ser um local de diálogo onde os jovens possam participar de uma forma empenhada e alegre no seu plano educativo. Deste modo deixaremos de formar jovens passivos, conformados e sem opinião, para formarmos jovens participativos, ativos, com iniciativa e criatividade, com autonomia, dinâmicos e críticos.

As alterações que a sociedade atual atravessa, implicam adaptações e modificações em muitos aspetos da nossa realidade social, política e educativa. A Educação Física, em particular, não foge a esta realidade. No entanto a Educação Física, em particular encerra possibilidades de ser uma das disciplinas a que os alunos atribuem maior preferência (Bento1990).

A escola enquanto organização, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral dos jovens.

A Educação Física deve ser considerada tão importante como qualquer outra disciplina que do currículo escolar. Bento (1987) refere que a Educação Física como qualquer outra disciplina escolar, é necessária uma modelação didática, do conteúdo programático de forma a colocar o processo de ensino aprendizagem ao serviço do desenvolvimento da personalidade do aluno. Acrescenta ainda que a Educação Física é extremamente importante para a formação desportivo cultural das crianças e jovens.

De acordo com Garcia (2006), a escola é um dos locais privilegiados constitucionalmente para se desenvolver o desporto e com ele a importância do tempo livre, que é proporcionado a todas as formas de vivenciar com determinado sentido humano. O âmbito educativo e cultural o desporto evidenciar no interesse, procura e concretização de sentidos manifestados nas práticas desportivas sendo que o rendimento e a competição constituem um dos vetores da ação motora, que a escola não pode negar.

De acordo com Bento (1987) o desporto surge como a totalidade das medidas, das condições, dos fatores, meios e atividades, que servem para a formação corporal, para a obtenção de determinados resultados nas modalidades desportivas e para ocupação ativa do homem nos tempos livres. O desporto constitui, pois parte integrante da cultura corporal ou física e é o grande da educação física da sociedade.

Parece ser evidente que a Educação Física tem um papel importante para a aprendizagem do aluno como no seu desenvolvimento desportivo-cultural, intelectual e social. No entanto, o Ministério da Educação e da Ciência no final do ano letivo anterior (junho de 2012) anunciou que no ensino secundário, a classificação na disciplina de Educação Física vai deixar de contar para o apuramento da média final dos alunos, não entrando assim em linha de conta para a nota com que se candidatam ao ensino superior. Esta mudança alarmante foi entendida como “um retrocesso tremendo e uma machada no estatuto da Educação Física” pelo presidente do Conselho Nacional de Associações de Professores e Profissionais de Educação Física (CNAPEF; João Lourenço, Jornal PÚBLICO 14/06/2012). Desde 2004, a Educação Física tinha o mesmo estatuto das outras três disciplinas de formação geral (Português, Inglês e Filosofia). Existe ainda uma exceção à nova regra: os resultados de Educação Física continuarão a contar para a média final dos alunos que pretendam prosseguir estudos nesta área. Por outro lado, a nota nesta disciplina é considerada para efeitos de conclusão do nível secundário de educação. No entanto, o que se espera com esta medida e na opinião do presidente do CNAPEF é “um desinvestimento dos alunos” porque “do ponto

vista social o que tem impacto é a média de acesso ao ensino superior” (João Lourenço, Jornal PÚBLICO).

Aliada a esta medida, o Governo decidiu também em 2004 uma possível redução na carga horária da disciplina:

“São suprimidas da matriz curricular dos cursos artísticos especializados aprovada pelo Decreto –Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, na sua atual redação, que deste faz parte integrante sob o anexo n.º 3:

A alínea c) relativa á possibilidade de redução até uma unidade letiva da carga horária semanal na Disciplina de Educação Física,”

Neste contexto, que significado tem a Educação Física para os alunos? O que pensam sobre as suas atitudes, comportamento, necessidades de trabalho em equipa, e a sua influência na participação em atividades físicas no futuro. E ainda, será que existem diferenças nas perceções dos alunos, quando o seu professor é estagiário, comparativamente a alunos de professores experientes?

Duarte & Fontes (1997), conduziram um estudo envolvendo 182 alunos do 5º, 7º, 10º e 12º anos de escolaridade, visando averiguar as representações que os alunos tinham da Escola e de alguns aspetos diretamente ligados a esta, como o currículo e os professores. A análise das respostas dos alunos, tendo em atenção especialmente as mais frequentes entre os alunos dos diversos anos de escolaridade, mostraram que a Escola é vista essencialmente como “um local onde se convive com os amigos” e “frequentá-la contribui para ter um futuro melhor”.

Neste estudo, o valor ou valores são entendidos como os critérios segundo os quais valorizamos ou desvalorizamos as coisas. Os valores são as razões que justificam ou motivam as nossas ações, tornando-as preferíveis a outras. Ao contrário dos factos, os valores apenas implicam a adesão de grupos restritos. Nem todos possuímos os mesmos valores, nem valorizamos as coisas da mesma forma (Vicente 2007).

De acordo com Garcia (2006), *valores como justiça, beleza, audácia, prazer, alegria, honra, progresso e paz são cantados no Hino Olímpico. A exigência incorporada e exteriorizada no desporto e consagrada nos Jogos*

Olímpicos fundamentam os valores humanos, reclamando do homem um desafio íntimo e individual, no sentido da humanização das atitudes.

Patrício (1993), refere que os valores assentam na seguinte ordem: valores vitais, traduzido pela necessidade de sobrevivência e promoção da saúde; valores práticos, valores hedonísticos, valores estéticos; valores lógicos, valores éticos e valores religiosos.

Foi a partir deste enquadramento que despertou em mim a inquietação para investigar as representações, atitudes e necessidades alunos em relação à Educação Física, para melhor entender as suas atitudes face à disciplina e à atividade física em geral.

3.4.3 Objetivos

O presente trabalho teve como objetivo principal identificar os fatores relacionados à valorização da Educação Física, bem como os indícios da sua desvalorização, procurando compreender e discutir como ela se constitui em valor segundo a perceção de alunos do ensino secundário. Pretendeu-se ainda conhecer a apreciação dos alunos sobre as características das aulas de Educação Física e comparar as representações e atitudes dos alunos do 10º ano (professor de EF estagiário) e 11º de escolaridade (professor de EF experiente) face à educação física.

3.4.4 Material e Métodos

Para a realização deste estudo aplicado uma adaptação do questionário desenvolvido por Tannehill et ai. (1994) (Anexo 1).

Para este estudo contou com uma amostra de 124 alunos do secundário da Escola Secundária Rio Tinto, 57 alunos do 10º ano de escolaridade com professores de Educação Física Estagiários, e 67 alunos do 11º ano de escolaridade, pertencentes a turmas de professores experientes (foram considerados professores experientes, quando possuíam com mais de 10 anos de atividade profissional).

3.4.5 Procedimentos Metodológicos

Para a recolha de dados, foi primeiramente necessário contactar os professores efetivos das turmas às quais os questionários foram aplicados, no sentido de obter as suas autorizações, com também as dos encarregados de educação dos alunos para responderem ao questionário nas aulas.

Todos os sujeitos participaram de forma voluntária e consciente, sendo informados dos propósitos da investigação antes do preenchimento do questionário. Foi garantido o anonimato sendo os resultados usados unicamente para o propósito do presente do estudo.

3.4.6 Análise estatística

Os dados obtidos foram analisados através do programa estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 20.0, tendo sido estabelecido o nível de significância estatística em 5%.

Para a caracterização da amostra utilizamos a estatística descritiva, nomeadamente a frequência, a percentagem, a média, o desvio padrão, valor mínimo e máximo. O teste do Qui-quadrado (χ^2) foi usado para testar a associação entre as variáveis dicotómicas sim e não, sobre a disciplina de Educação física ser opcional. Também foi testada a associação entre as variáveis das respostas tipo likert numa escala de 1- discordo totalmente a 5- concordo totalmente. Para a comparação dos grupos em análise (alunos do 10º ano com professores estagiários (G10) e alunos do 11º ano com professores experientes (G11) relativamente às variáveis ordinais (importância da prática do exercício física) recorreremos ao teste não paramétrico Mann-Whitney, baseado na soma das posições que os valores ocupam em cada grupo.

3.4.7 Apresentação dos resultados

A apresentação e discussão dos resultados encontra-se estruturada por categorias apresentadas nas respetivas tabelas, quanto à sua idade, sexo, ano de escolaridade, assim como as frequências das respostas segundo o questionário aplicado às turmas na realização deste estudo.

No quadro 1 é apresentada a análise descritiva relativamente às variáveis idade, sexo, ano de escolaridade, história de prática desportiva e participação atual no desporto escolar. A média de idades dos alunos foi de 16,2 anos (mínimo=15 anos e máximo=19 anos), tendo a sua maioria (70,2%) uma idade inferior a 17 anos. A prevalência do género feminino é superior (65,3%) excedendo significativamente os 50% ($p=0,001$ - teste binomial). Destaca-se ainda o reduzido número de alunos inscritos no desporto escolar (16,1%) e a elevada percentagem de alunos (82,3%) interessados em frequentar a disciplina de Educação Física mesmo que fosse de carácter opcional.

QUADRO 1 - Características da Amostra (N=124).

		N	%	M	DP
Idade (anos)		124		16,16	0,97
Sexo	Feminino	81	65,3		
	Masculino	43	34,7		
Ano de escolaridade	10 ^o ano	67	54,0		
	11 ^o ano	57	46,0		
Praticante de desporto escolar	Sim	20	16,1		
	Não	104	83,9		
História de prática desportiva	Sim	63	50,8		
	Não	61	49,2		
Inscrição na disciplina se fosse opcional	Sim	102	82,3		
	Não	22	17,7		

A análise descritiva dos desportos indicados pelos alunos como modalidade praticada pelo menos durante 1 ano é apresentada no quadro 2.

QUADRO 2 - Análise descritiva (frequência absoluta e relativa) dos desportos praticados.

	N	%
Futebol/futsal	14	11,3
Voleibol	3	2,4
Dança	10	8,1
Ginásio	5	4
Natação	10	8,1
Basquetebol	3	2,4
Karaté	4	3,2
Tiro com arco	2	1,6
Badmínton	3	2,4
Hóquei patins	1	0,8
Ténis	2	1,6
Polo aquático	3	2,4
Ciclismo	1	0,8
Taekwondo	1	0,8
Atletismo	1	0,8
Não pratica nenhum desporto	61	49,2

DE= desporto escolar

É possível observar que uma grande percentagem dos alunos, 49.2% não pratica qualquer modalidade desportiva. É possível observar que os alunos manifestam maior preferência pelo futebol/futsal com 11.3%, seguido da dança e natação com 8.1%, sendo a restante percentagem distribuída pelas restantes modalidades apresentadas no quadro 2.

No quadro 3 são apresentadas as características da amostra (frequências relativas ou média \pm desvio-padrão) nos dois grupos em estudo (G10 e G11).

Como esperado, a média de idades entre os grupos não foi significativamente diferente ($p < 0,001$).

QUADRO 3 - Análise descritiva e comparativa das variáveis dependentes nos dois grupos [alunos do 10º ano de escolaridade (G10) e 11º ano de escolaridade (G11)]

	G10	G11	p
Idade (média ± DP)	15,63 ± 0,71	16,79 ± 0,84	<0,001 ^a
Sexo feminino (%)	70,1	59,6	0,221 ^b
Praticante de desporto escolar (sim, %)	16,4	15,8	0,924 ^b
História de prática desportiva (sim, %)	58,2	42,1	0,074 ^b
Inscrição na disciplina de EF se opcional (sim, %)	83,6	80,7	0,676 ^b

DP= desvio-padrão; ^a teste de Mann-Whitney; ^b teste do Qui-quadro

Como se pode observar no quadro 3, pelos valores analisados, não se verificaram diferenças entre as proporções nas variáveis nominais analisadas em cada um dos grupos.

O quadro 4 e 5 representam a importância que os alunos atribuem à EF comparativamente com as outras disciplinas

QUADRO 4 - Análise descritiva (frequência absoluta e relativa) das disciplinas escolhidas pelos alunos na categoria “disciplina preferida”.

	N	%
Filosofia	5	4,0
Matemática	5	4,0
Português	2	1,6
Físico-química	2	1,6
Biologia	8	6,5
História	1	0,8
Educação Física	40	32,3
Inglês	13	10,5
Geometria	4	3,2
Espanhol	8	6,5
História Arte	10	8,1
Desenho	25	20,2
Não respondeu	1	0,8

QUADRO 5 - Análise descritiva (frequência absoluta e relativa) das disciplinas escolhidas pelos alunos na categoria “disciplina que menos gosto”.

	N	%
Filosofia	33	26,6
Matemática	19	15,3
Português	25	20,2
Físico-química	8	6,5
Biologia	3	2,4
História	13	10,5
Educação Física	5	4,0
Inglês	9	7,3
Geometria	9	7,3

Foi recolhida a opinião dos alunos relativamente às disciplinas que mais gostam (quadro 4) e menos gostam (quadro 5). No quadro 4 são indicados os valores absolutos e percentuais das respostas obtidas. É possível verificar que das disciplinas preferidas, a mais elegida foi a EF com 32,3% de frequência. A disciplina que menos preferem foi a disciplina de Filosofia com 26,6%.

As opiniões (numa escala de 1= discordo totalmente a 5= concordo totalmente) relativamente à participação nas aulas de Educação Física, às características das aulas de Educação Física, à importância da disciplina de Educação Física na escola, e as características que apreciam e que desagradam nas aulas de Educação Física, são apresentadas nos quadros 6, 7, 8, 9 e 10, respetivamente.

Quadro 6 - Análise descritiva das características relativas à participação nas aulas de Educação Física.

	Escala Likert				
	1	2	3	4	5
É importante a participação dos alunos nas aulas de EF (%)	2,4	0,0	4,8	30,6	62,1
Gosto de participar das aulas de EF (%)	2,4	4,0	12,1	39,5	41,9
Sinto-me bem nas aulas de EF (%)	1,6	2,4	16,1	35,5	44,4

EF= Educação Física

É possível constatar que, no quadro 6, as respostas de nível 4 concordo e nível 5 concordo totalmente, são os que obtem as maiores % de resposta comparativamente às restantes categorias, com 62,1%, dando os aluno uma clara importância da participação das aulas de EF.

QUADRO 7 - Análise descritiva dos atributos associados às aulas de educação física.

	Escala Likert				
	1	2	3	4	5
Têm conteúdos difíceis (%)	15,3	33,1	31,5	14,5	5,6
Têm uma avaliação exigente (%)	8,9	20,2	38,7	24,2	8,1
São importantes para o teu desenvolvimento pessoal (%)	0,8	4,8	16,1	41,9	36,3
Melhoram a minha condição física (%)	2,4	1,6	7,3	37,1	51,6
Ensinam-me a praticar desportos coletivos (%)	2,4	0,0	8,1	44,4	45,2
Ensinam-me a praticar desportos individuais (%)	3,2	3,2	18,5	37,9	37,1
Ensinam-me jogos recreativos (%)	4,0	5,6	28,2	33,9	28,2

QUADRO 8 - Análise descritiva das afirmações relativas à importância das aulas de educação física.

	Escala Likert				
	1	2	3	4	5
Relativamente à nota que obtiveste em EF (%)	0,8	0,8	19,4	44,4	34,7
Foi uma boa decisão a nota de EF deixar de contar para a média final (%)	66,1	12,9	8,9	6,5	5,6
Ajudam os alunos a trabalharem em equipa (%)	1,6	2,4	18,5	41,1	36,3
Contribuem para o bem-estar físico (%)	0,8	1,6	10,5	36,3	50,8
Contribuem para aumentar os níveis de confiança (%)	1,6	4,8	31,5	33,1	29,0
Ajudam a melhorar os níveis de superação (%)	0,8	1,6	27,4	41,9	28,2
As aulas de EF são tão importantes como as aulas de outras disciplinas da escola (%)	1,6	6,5	19,4	28,2	44,4
A disciplina de EF levou-me a praticar desporto fora da escola (%)	33,1	30,6	16,9	8,9	10,5
A disciplina de EF levou-me a praticar desporto escolar (%)	44,4	28,2	9,7	8,9	8,9

EF= Educação Física

Na análise do quadro 7 e 8, é possível verificar uma maior frequência de resposta de nível 4 concordo e nível 5 concordo totalmente, nas opções relativamente à nota que obtiveram, de melhorar a condição física, ensinar a praticar desportos coletivos e individuais, jogos recreativos, a aumentar os níveis de confiança, de superação, do trabalho de equipa, e que são tão importantes como as aulas de outras disciplinas da escola.

O que também foi possível verificar foi que a maior frequência de resposta das opções de nível 1- discordo totalmente e nível 2- não concordo, a disciplina ter conteúdos difíceis, terem levado os alunos a praticarem, desporto escolar, ou fora da escola. A resposta com maior frequência de opção de nível 1- discordo totalmente foi a de, uma boa decisão a nota de EF deixar de contar para a média final com 66,1%, havendo apenas 5,6 na globalidade dos alunos que responderam a esta questão tanto das turmas de 10^o como do 11^o ano de escolaridade.

QUADRO 9 - Análise descritiva das características das aulas de educação física que agradam aos alunos.

	Escala Likert				
	1	2	3	4	5
Serem aulas mistas (%)	8,1	10,6	22,8	23,6	35,0
Terem atividades diversificadas (%)	1,6	2,4	14,5	46,0	35,5
Proporcionarem-me momentos de pausa (%)	9,7	9,7	23,4	34,7	22,6
Serem aulas divertidas (%)	0,8	3,2	14,5	38,7	42,7
Gostar do professor (%)	1,6	3,2	12,9	43,5	38,7
Ter êxito nas atividades (%)	1,6	2,4	32,3	36,3	27,4
Ter aulas bem organizadas (%)	1,6	5,6	23,4	37,9	31,5
O teu professor ser exigente e tratar todos os alunos por igual (%)	3,2	8,9	13,7	38,7	35,5
O processo de avaliação ser justo (%)	2,4	4,0	16,9	42,7	33,9

QUADRO 10 - Análise descritiva das características das aulas de educação física que desagradam aos alunos.

	Escala Likert				
	1	2	3	4	5
O processo de avaliação ser injusto (%)	49,2	21,0	14,5	8,9	6,5
Não me sentir motivado (%)	39,5	29,0	16,9	10,5	4,0
Não ter habilidade para o desporto (%)	47,6	21,0	17,7	9,7	4,0
Não gostar do professor (%)	58,9	25,0	7,3	3,2	5,6
Não gostar de me equipar (%)	43,5	29,0	10,5	9,7	7,3
Ser obrigado a tomar banho (%)	59,7	21,8	9,7	2,4	6,5
O tempo das aulas ser muito escasso (%)	20,2	24,2	23,4	10,5	21,8
O professor apenas tratar bem os alunos que se destacam e não prestar a devida atenção a todos (%)	60,5	19,4	8,1	4,0	8,1
As aulas serem desorganizadas (%)	57,3	24,2	10,5	1,6	6,5

Pode-se verificar pelos quadros 9 e 10, de uma forma geral os alunos dos 10^o e 11^o anos ficam agradados com as características das aulas de EF enunciadas pela frequência de respostas de nível 4- concordo e nível 5- concordo totalmente no quadro 9, e no quadro 10 a maior frequência de respostas sobre o que desagradam aos alunos nas aulas de EF serem as opções de nível 1- discordo totalmente e 2- discordo.

No quadro 11 são apresentados os valores da média dos postos e o nível de significância associado ao teste U de Mann-Whitney para as características relativas à participação nas aulas de Educação Física nos alunos do 10º ano de escolaridade (G10) e no 11º ano de escolaridade (G11). Não foram registadas diferenças significativas ($p > 0,05$) entre os dois grupos.

QUADRO 11 - Valores da média dos postos e valores de p relativamente a todas as categorias em análise nos dois grupos

	Média dos postos		p
	G10 (n=67)	G11 (n=57)	
Participação nas aulas de EF			
É importante a participação dos alunos nas aulas de EF	62,31	62,73	0,939
Gosto de participar das aulas de EF	62,13	62,94	0,893
Sinto-me bem nas aulas de EF	63,03	61,88	0,848
Atributos das aulas de EF			
Têm conteúdos difíceis	58,28	67,46	0,140
Têm uma avaliação exigente	65,04	59,51	0,372
São importantes para o teu desenvolvimento pessoal	60,72	64,59	0,523
Melhoram a minha condição física	62,59	62,39	0,973
Ensinam-me a praticar desportos coletivos	63,43	61,4	0,729
Ensinam-me a praticar desportos individuais	61,74	63,39	0,786
Ensinam-me jogos recreativos	61,96	63,13	0,850
Importância da disciplina de EF na escola			
Relativamente à nota que obtiveste em EF	56,75	69,25	0,038
Foi uma boa decisão a nota de EF deixar de contar para a média final	64,39	60,28	0,451
Ajudam os alunos a trabalharem em equipa	64,28	60,4	0,522
Contribuem para o bem-estar físico	60,24	65,16	0,402
Contribuem para aumentar os níveis de confiança	61,7	63,44	0,778
Ajudam a melhorar os níveis de superação	60,78	64,52	0,540
As aulas de EF são tão importantes como as aulas de outras disciplinas da escola	60,57	64,77	0,490

A disciplina de EF levou-me a praticar desporto fora da escola	59,11	66,48	0,238
A disciplina de EF levou-me a praticar desporto escolar	57,96	67,83	0,106
Características das aulas de EF que agradam			
Serem aulas mistas	63,15	60,67	0,689
Terem atividades diversificadas	64,9	59,68	0,384
Proporcionarem-me momentos de pausa	65,2	59,32	0,347
Serem aulas divertidas	59,87	65,59	0,342
Gostar do professor	57,68	68,17	0,080
Ter êxito nas atividades	61,76	63,37	0,793
Ter aulas bem organizadas	61,78	63,34	0,800
O teu professor ser exigente e tratar todos os alunos por igual	66,23	58,11	0,185
O processo de avaliação ser justo	62,89	62,04	0,889
Características das aulas de EF que desagradam			
O processo de avaliação ser injusto	63,07	61,83	0,838
Não me sentir motivado	64,92	59,66	0,394
Não ter habilidade para o desporto	60,02	65,41	0,374
Não gostar do professor	66,25	58,1	0,154
Não gostar de me equipar	63,65	61,15	0,682
Ser obrigado a tomar banho	61,19	64,04	0,616
O tempo das aulas ser muito escasso	60,81	64,49	0,560
O professor apenas tratar bem os alunos que se destacam e não prestar a devida atenção a todos	63,29	61,57	0,762
As aulas serem desorganizadas	62,43	62,58	0,980

G10= grupo no 10º ano de escolaridade; G11= grupo no 11º ano de escolaridade; EF= Educação Física

O quadro 12 apresenta a importância que os alunos atribuem à EF para a sua formação acadêmica.

QUADRO 12 – Nível de importância atribuída à educação física na sua formação a nível do ensino secundário

	N	%
Sem qualquer importância	5	4,0
Pouco importante	8	6,5
Algo importante	21	16,9
Importante	55	44,4
Muito importante	35	28,2

No quadro 12, podemos verificar que 44,4% de frequência das respostas dadas pelos alunos, de que a EF é importante na sua formação, 28,2% dos alunos consideram-na como muito importante, e 16,9% consideram-na algo importante. Contudo os valores que revelam a desvalorização da EF como pouco importante 4%, ou sem qualquer importância 6,5% são reduzidos.

3.4.8 Discussão dos Resultados

Como foi exposto anteriormente, pretendemos com este estudo analisar as percepções dos alunos, sobre o valor e da importância que atribuem às aulas de EF, num momento em que a nota da disciplina deixou de fazer parte da média final dos alunos do 10º ano. Fiz a comparação entre três turmas de 10º e, com três turmas de 11º anos para saber se havia diferenças ou não entre o efeito da nota contar ou não, para a média final, e também se o professor influenciava a opinião dos alunos na atribuição do valor da disciplina de EF.

Depois de ter analisado os quadros, verifiquei que os alunos dão uma clara importância e valorização à disciplina de E.F, não havendo diferenças significativas entre o 10º ano e 11º ano. Em ambos os anos de escolaridade os

alunos dão uma clara importância às aulas, aos benefícios que ela lhes pode proporcionar, tanto a nível de desportos coletivos como individuais, como no condicionamento físico, na autoestima, no trabalho de equipa na superação etc.

Um aspeto relevante é que os alunos considerarem claramente importante a EF, na sua formação a nível do ensino secundário, como revelam os valores do quadro 12. Estes resultados vão de encontro do estudo realizado por Brandão (2002) onde 47,55% dos alunos indicaram que a EF é muito importante, enquanto 25,76% classificam a EF como menos importante.

Outro aspeto relevante foi que apesar dessa consideração em relação à disciplina, maioria dos alunos em ambos os anos de escolaridade, não pratica qualquer modalidade, ou atividade desportiva fora do contexto escolar. A grande maioria dos alunos apenas pratica alguma atividade desportiva nas aulas de EF. A minoria dos alunos que praticam desporto ou atividade desportiva fora do contexto escolar não foram influenciados a praticarem desporto, por causa das aulas de EF. Contudo a grande maioria dos alunos ficaram desagrados com a nota de deixar de contar para a média final, e que o tempo de aulas é muito escasso.

3.4.9 Conclusão

Com o estudo que realizei, pude comprovar que os alunos valorizam a disciplina de EF. São os alunos que influenciam a sua prestação de maior ou menor envolvimento nas aulas EF, pela sua atitude e comportamento nas aulas.

Relativamente à comparação entre os alunos do 10º ano e 11ºanos as diferenças não foram significativas. Os alunos na sua globalidade atribuem uma clara importância à disciplina, na sua grande maioria sentem-se agrados com as aulas de EF. Percebem a importância que ela tem na sua formação, como no trabalho de equipa, na superação, na melhoria da condição física etc. Até pela eleição que os alunos fizeram de ela ser a mais preferida. Sendo a atribuição da frequência do nível de respostas tipo likert dadas pelos

alunos sobre a desvalorização da disciplina de EF respondidos foi muito reduzidos em todos os itens. Contudo a nota ter deixado de contar para a média final, e o tempo das aulas ser escasso foram aspectos onde os alunos demonstraram desagrado.

Foi também interessante observar que, apesar de a grande maioria dos alunos valorizarem as aulas de EF, não foi através dela que a grande maioria aderiu ao desporto escolar, ou mesmo a praticar uma atividade desportiva fora da escola. Este aspeto poderá ter um impacto negativo, no que toca ao incentivo de prática desportiva fora do contexto escolar, e na procura de manutenção de um estilo de vida saudável.

Este estudo contribuiu para um melhor conhecimento da importância que os alunos do 10º e 11ºanos de escolaridade atribuem à EF escolar. Penso que estas informações deverão ser consideradas como para uma intervenção futura no sentido de melhorar as condições de adequação desta disciplina curricular às expectativas dos alunos.

3.4.10 Sugestões

Algumas sugestões para amplificar a importância da educação física na escola, será:

Comparar turmas de 10º ano de escolaridade, com turmas de 12º ano, pois nas turmas do 12º ano de escolaridade a nota ainda conta para a média final, e que influência poderá ter esse aspeto na atitude e na importância atribuída dos alunos de 12ºano à disciplina de EF;

Realizar comparações entre o sexo masculino e feminino;

Considerar a influência dos "agentes de socialização", nomeadamente a influência da família, dos pares e do professor;

Considerar a influência das condições das instalações e do material utilizado;

4. A CAMINHADA E OS SEUS DESAFIOS

Após o fim da desta minha caminhada que foi o EP, chega o momento de relembrar todos os momentos que foram registados no diário de bordo, e em todas as reflexões que realizei seguindo como linhas orientadoras as quatro diferentes áreas de intervenção na escola. A forma como refleti ao longo deste ano letivo, adquirindo diferentes formas de pensar não só os exercícios para as aulas, como os sentimentos dos alunos em relação às aulas de Educação Física, como também a forma de perceber a comunidade em seu redor e as influencias que esta tem sobre a escola. Tudo isto ajudou-me na obtenção de conhecimentos que me permitiram começar esta aventura com confiança e expectativa do que iria ser e foi esta “aventura” durante o EP, ganhando a experiência necessária para me ajudar nesta fase de transição de aluno para professor, na procura de novos saberes e estratégias para poder aprender e evoluir como professor de uma turma do secundário em contexto real.

Esta foi uma experiência diferente de qualquer outra que já tive a nível profissional, num contexto completamente diferente ao que tive na faculdade, que apesar de ter sempre o acompanhamento do professor cooperante, exigiu de mim uma rápida adaptação ao contexto em que estava a desempenhar a função de professor, que me levou a tomar decisões conscientes e responsáveis, para estar o mais preparado possível para me confrontar com as diversas situações que me iriam ocorrer durante todo o meu percurso neste EP.

Estes aspetos motivaram a procura de soluções, de estratégias mais ajustadas e simplificadas possível, de maneira a promover a aprendizagem dos alunos da turma que fiquei responsável para lecionar as aulas, e que foram desafios encarados com grande empenhado e dedicação de minha parte que exigiram de mim a capacidade de analisar e refletir sempre sobre a minha forma de atuar, de ensinar, que se foi modificando ao longo do ano na minha maneira de ser professor como pessoa também. Outro objetivo que também tive em mente foi o de ser algo diferente, de fazer melhor não só pelos alunos como pela comunidade da escola e por mim.

Assim este capítulo visa relembrar o percurso do EP, e nele se discorrerá criticamente sobre os problemas surgidos e as soluções encontradas, as

dificuldades vividas, as estratégias usadas e as atividades realizadas, tendo sempre em conta que é difícil abranger tudo aquilo o que aconteceu e foi significativo. No fundo, refletirei sobre todo o ano letivo como professor estagiário tendo por base as áreas de desempenho definidas: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem; Participação na Escola e Relações com a Comunidade; e Desenvolvimento Profissional.

4.1 Os Primeiros Momentos na Escola

No dia 3 de Setembro de 2013, pelas 10h os três estudantes estagiários, apresentaram-se aos professores do Núcleo de Estágio, a professora orientadora (na FADEUP) e professor cooperante (na 1ª reunião na escola e visita às instalações da escola secundária).

O primeiro contacto com a escola foi bastante positivo, ficando desde logo bem patente que dispomos de boas condições a nível de material e equipamentos desportivos para realizar a nossa atividade com sucesso (como está descrito no capítulo 3).

O pormenor de ser tratado por “professor” e “colega” não deixa de ser estranho, mas faz parte desta nova realidade.

Encontrei uma escola renovada, que não tinha nada a ver com a pesquisa que tinha feito na internet.

Este ano letivo em quase todas as escolas públicas as turmas apresentam um número excessivo de alunos e há um aumento do número de horas letivas semanais, devido aparentemente a cortes orçamentais do Estado/Ministério de Educação. Questiono se “será esta a nova ideologia de o que é ser professor, de ser mais que um professor, ser um educador! Será possível chegar a todos os alunos e responder às suas necessidades em turmas tão grandes e em espaços tão pequenos? Já para não falar do tempo disponível (horas de contato) para a disciplina.

4.2 Organização do Processo de Ensino e da Aprendizagem

A área 1 de intervenção centra-se na organização do processo de ensino e da aprendizagem. Embora esta área seja das mais ricas na nossa intervenção ao longo do ano na escola, foi onde as dificuldades iniciais foram mais elevadas. As dúvidas, inseguranças e indecisões foram muitas nos primeiros momentos. Senti no início da atuação ainda as limitações que julgo serem comuns no professor estagiário, uma vez que a linha que separava a função de professor e de estudante era ainda muito fina. Encontrávamo-nos ainda numa fase muito prematura da nossa construção de identidade profissional. O facto de termos de assumir a responsabilidade perante a turma, de termos de decidir, muitas vezes, apenas no momento, gerou sentimentos de insegurança que marcaram definitivamente o início da minha atuação. Esta insegurança a que me refiro não está ligada ao total desconhecimento da ação correta a tomar, mas fundamentalmente a uma frágil autonomia.

Apesar de termos já alguma experiência no que diz respeito à prática pedagógica, proporcionada pelas didáticas específicas no 1º ano de mestrado, tive sempre a noção de que estas práticas ocorriam num ambiente bastante controlado, no qual a qualquer altura nos poderíamos socorrer da intervenção do professor responsável e para discutir algumas situações da aula.

Em contexto de EP esse suporte desaparece ou melhor, é transformado num apoio distinto, e começamos a ter uma intervenção muito mais autónoma, pelo menos no que diz respeito às aulas. A nossa autonomia, não nos foi imposta mas sim ganha progressivamente ao longo do ano, com a disponibilidade e ajuda dos nossos professores que acompanham o processo muito de perto.

Esta autonomia de atuação foi resultado de um processo de formação contínua, suportada pelas observações e reflexões, discutidas em grupo e foram contribuindo para desenvolver a capacidade de decisão nos diferentes momentos da nossa atuação.

Daí que a construção da identidade profissional não deve ser considerada como uma construção unicamente pessoal, mas deve ser enquadrada no contexto de um grupo de trabalho, composto por um elemento orientador com

anos de experiência e prática pedagógica e três outros elementos que partem, de um nível de experiência. A construção da identidade profissional é então alcançada através da experiência muito reduzida ainda que provavelmente possam ter níveis diferentes da prática pedagógica, da reflexão e acima de tudo da partilha de experiências entre os membros do grupo de estágio.

O professor enquanto membro autónomo e ativo da comunidade escolar é também membro do grupo dos profissionais da educação. É, no seio deste grupo que se processa a partilha de experiências e a consequente reflexão, fazendo parte de um processo de formação multifatorial e nunca individual.

No que diz respeito às minhas dificuldades iniciais estas estavam essencialmente ligadas ao planeamento, à organização, à execução, à construção de documentos (Modelo de Estrutura de Conhecimentos (MEC), por exemplo) e à formulação de objetivos, tanto nos MEC, como nos próprios planos de aula, e gestão do tempo de aula.

Relativamente à planificação e à construção de documentos a grande dificuldade prendeu-se com a correta formulação dos objetivos comportamentais. Esta dificuldade foi rapidamente ultrapassada com a revisão dos documentos de didática geral com informações específicas acerca da formulação de objetivos específicos, bem como com o apoio do professor cooperante na sua correção e sugestões de exercícios para aplicar nas aulas.

Confesso que a elaboração do MEC da unidade didática (UD) de Voleibol criou-me algumas dificuldades. Apesar de estar já familiarizado com o documento em si, criar um de raiz tornou-se um desafio, implicando uma pesquisa e seleção de informação de acordo com os objetivos estabelecidos pela escola para cada ano de escolaridade. Conhecer bem a estrutura do documento, só no contexto do estágio vi o mesmo a ganhar forma e acima de tudo a ganhar utilidade, compilando a informação necessária para uma boa lecionação da unidade didática da modalidade a que se refere.

A construção deste documento tornou-o mais palpável, mais real, e muito mais significativo do que nos foi dado a compreender no ano transato. Hoje entendo-o como fundamental para a nossa prática, pois é um suporte de apoio que nós temos para nos guiar, na lecionação de todas as aulas.

Ainda no que diz respeito à construção de documentos que apoiem a nossa atuação temos os documentos de avaliação, quer seja de avaliação diagnóstica ou final. Um dos documentos mais utilizados e discutidos ao longo do 1º ano de mestrado foi (Game Performance Assessment Instrument (GPAI), que tem como objetivo avaliar as habilidades técnicas e competências táticas referentes a modalidades coletivas em situação de jogo reduzido. Contudo não é possível um professor sozinho avaliar todos os parâmetros de avaliação que estão propostos no GPAI, daí que, em conjunto simplificamos o mais possível o documento de avaliação, para que pudesse ser mais fácil e rápida a avaliação diagnóstica e final dos alunos da turma nas modalidades que foram abordadas ao longo deste ano letivo.

A reformulação dos documentos de avaliação, com parâmetros mais objetivos, tendo em conta cada turma, permitiu uma transferência muito mais confortável e assertiva para a avaliação final da modalidade e para a atribuição da classificação muito mais precisa.

Para além desta transferibilidade para a avaliação final, importa também definir critérios de avaliação que vão de encontro, não só às exigências definidas pelo núcleo de educação física da escola, mas também adaptadas à realidade/nível dos nossos alunos e das nossas condições de trabalho.

Como forma de operacionalizar este tipo de avaliação todos os estudantes estagiários colaboraram entre si, realizando a avaliação diagnóstica dos alunos de todas as turmas que nos foram atribuídas. Cada um dos estudantes estagiários ficou responsável por avaliar um grupo de alunos diferente em cada turma. Apesar de esta abordagem ser uma simplificação da situação real (um único professor para toda a turma, independentemente do número de elementos que a compõe), permitiu-me ganhar e aumentar a minha aptidão nesta tarefa tão exigente e difícil.

Relativamente à organização e execução das aulas e dos exercícios propostos, ou seja, na realização da minha atuação, as dificuldades iniciais diziam respeito à operacionalização dos planos de aula. As principais dúvidas eram relativas à adequação da organização às condicionantes: nº de alunos, material e espaço disponível. Este ponto é bastante sensível, pois uma má

organização da aula refletir-se-á num baixo tempo potencial de aprendizagem. Como resposta a esta dificuldade foi necessária uma análise do material específico disponível para cada modalidade a lecionar, bem como um conhecimento dos diferentes espaços de aula, adaptando a planificação de cada aula de acordo com estes pontos, tendo sempre em conta o número de alunos. Como a minha turma era composta inicialmente por 23 alunos, e foi gradualmente crescendo até 28 (no final do período), a solução encontrada foi dividir os alunos por grupos de trabalho, proporcionando, assim, um maior tempo de empenhamento motor e, partindo do pressuposto que os exercícios propostos iam de encontro às necessidades dos alunos, um maior tempo potencial de aprendizagem.

Uma diferença considerável entre o tempo de empenhamento motor e o tempo potencial de aprendizagem pode traduzir problemas do ponto de vista da instrução, ou mesmo indicar que o grau de dificuldade da tarefa se encontra desadequado.

Ainda na operacionalização das aulas uma das falhas apontadas pelo professor cooperante tinha que ver com o não cumprimento do ciclo de feedback. A estratégia utilizada para colmatar esta dificuldade incluiu a pesquisa sobre os pontos fundamentais da modalidade a lecionar, ou seja, implicou uma melhor preparação tendo em conta as diferentes modalidades e os seus gestos técnicos mais característicos. Também me concentrei mais no cumprimento do ciclo, garantindo que a emissão do feedback era procedida de uma observação cuidada do aluno de forma a garantir que o erro era corrigido. Importa ainda referir que se observarmos um erro que seja comum a vários elementos da turma, torna-se mais rentável (rentabilização do tempo de aula) parar o exercício para emitir um feedback coletivo, acompanhado de uma correta exemplificação, não esquecendo nunca de verificar se as correções são assimiladas pelos alunos.

E é nisto mesmo que o EP se baseia, em por em prática os ensinamentos adquiridos, adaptá-los à nossa realidade e refletir sobre os mesmos após a sua operacionalização.

4.2.1 A Fase de Conceber

A construção do ensino é a primeira tarefa do professor, em que projeta a sua atuação mediante a análise dos documentos referentes à escola e ao sistema educativo, assim como do meio envolvente e dos alunos. Desta forma temos conhecimento do contexto sociocultural em geral e dos alunos em particular. Todos os documentos (a seguir descritos) foram necessários para a elaboração de todo o planeamento e adequação do processo de ensino aprendizagem à realidade com que me confrontei.

Após a leitura do Projeto Educativo da Escola permitiu-me perceber melhor as linhas orientadoras gerais da cultura da escola, como os objetivos a que se propõe, e através da leitura do Regulamento Interno, pude lembrar e perceber a organização da instituição e as funções de cada um dos elementos intervenientes, como os professores, alunos, funcionários, e órgãos de gestão. Também com a leitura do Regulamento específico do Grupo de Educação Física foi importante, uma vez que me ajudou a ter uma noção exata do seu conteúdo para a implementação das regras e normas de conduta importantes para o bom funcionamento das aulas e da escola.

Foi também necessária a revisão dos Programas Nacionais de Educação Física, sobretudo ao ensino secundário e claro ao 10º ano, que iria lecionar a uma turma desse ano. Deste modo comecei a visionar exigência que destes programas em termos de habilidades motoras das diversas modalidades, e os seus objetivos de forma a evitar práticas de exercícios e situações de jogo completamente divergentes daquilo que este documento solicita. Este foi um dos problemas com que me confrontei ao longo do ano, havendo sempre necessidade de adaptar aquilo que eu estabelecia como objetivos e critérios de êxito relativamente ao que refere o Programa Nacional.

Na mesma ordem de ideias, as informações sobre os alunos recolhidas no questionário inicial de caracterização de cada aluno (e interpretação dos resultados) que aplicamos na primeira aula de apresentação, como nas reuniões de Conselho de Turma, foram fundamentais para conhecer as características sociais, psicológicas, culturais e académicas dos meus alunos.

As referências observadas sobre os alunos da turma foram animadoras no que respeitava à minha disciplina, para a qual a grande maioria dos alunos da turma estavam motivados, do que propriamente relativamente às restantes disciplinas, segundo as informações que me foram dadas pelas professoras das outras disciplinas.

Após esta fase de construção, que me lembrou e forneceu informações fundamentais para o exercício contextualizado da minha função de professor na escola e do ano de ensino a que iria lecionar, chega assim a fase de planejar.

4.2.2 O Delineamento da Ação: Planejar Para Melhor Atuar

A necessidade de planejar surgiu logo a partir do momento em que, na primeira reunião de grupo de Educação Física, se estabeleceram as modalidades a lecionar em cada ano letivo, tendo em conta o que estava definido pelo Programa Nacional de Educação Física para cada um deles, os espaços e os recursos. Segundo o que refere o Programa Nacional de Educação Física para o 10º ano, deverão ser lecionadas três modalidades de desportos coletivos, Voleibol, Andebol, e futebol, Ginástica Acrobática, Atletismo, Dança, Badmínton, e duas passagens rápidas pelas modalidades de Ténis e Corrida de Orientação, mais uma aula teórica de Educação para Saúde. As minhas inseguranças recaiam sobre a ginástica acrobática e andebol, que eram aquelas em que me sentia menos preparado. No entanto, sendo a ginástica acrobática e o andebol de ensino obrigatório, sabia que teria de superar as minhas dificuldades e superar-me no momento de as lecionar. No que diz respeito às outras modalidades, sentia-me mais à vontade, devido à preparação académica anterior que tivera nos anos de licenciatura e às vivências anteriores como atleta e mais tarde como treinador de atletismo.

Depois desta definição das modalidades que iria-mos lecionar ao longo deste ano letivo, surgiu também a necessidade de começar a planejar o ano letivo, sobretudo com a elaboração do Plano Anual de Turma. O que se pretendia era uma distribuição mais equilibrada possível pelo número de aulas,

tendo em conta a distribuição dos espaços definida no roulement elaborado pelo grupo de Educação Física da escola ao longo do ano letivo. Contudo na reunião de NE, alteramos um pouco o número de aulas, principalmente nas modalidades com menos número de aulas passando-as para o final de cada período. Esta foi, uma mais-valia para todos os níveis de planeamento, embora tivesse que fazer algumas interrupções na continuidade das unidades didáticas (ou pelas condições meteorológicas não serem as ideais para o uso dos espaços exteriores). Também exigiu atenção os momentos de avaliação e de uma forma geral o número de feriados e greves, o que me levava obrigatoriamente a adaptar os restantes níveis de planeamento.

A noção de que o planeamento não é um processo estático e que, após ser realizado, não deixa de requerer ser repensado, refletido e reorganizado, ficou patente logo neste primeiro plano. Uma das principais dificuldades foi esta necessidade de o reorganizar continuamente, o que aconteceu principalmente nas semanas em que as condições meteorológicas permitiram o uso do espaço exterior. No entanto, foi também isto que me exigiu nos diferentes níveis de planeamento, isto é, a necessidade de modificar e ajustar para que tudo voltasse ao normal, ou seja, para que me proporcionasse segurança no momento da realização.

Tal como refere Bento (2003), o primeiro nível de planeamento constituiu um trabalho preparatório de análise, balanço e reflexão procurando situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas. Ou seja, englobou os aspetos gerais de envolvimento do ensino, sem pormenores de atuação.

Mas a planificação não se esgota neste 1º nível e desenvolve-se ao longo de 3 níveis, que incluem os planos periódicos, isto é, 2º nível, de unidades didáticas (nível II), e projetos ou planos de aula (nível III) (Bento, 2003). Em todos eles foi seguido o MEC de Vickers (1990), cuja elaboração me permitiu adquirir e consolidar conhecimentos de forma a encontrar-me preparado para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem. Assim, compreendi a importância de considerar os módulos que constituem o MEC como um todo e

interdependentes, não sendo separáveis, não perdendo de forma alguma o seu elo de ligação entre eles.

Vulgarmente entendido apenas como o plano de Unidade Didática (UD) (integrado no módulo 4 do MEC), que determina a extensão e sequência da matéria, muito antes do início do EP, as unidades curriculares esclareceram o planeamento de uma UD ia para além disso. Consistia então na análise das categorias transdisciplinar (Cultura Desportiva, Habilidades Motoras, Conceitos Psicossociais e Fisiologia do Treino e Condição Física) da modalidade a lecionar, do envolvimento (recursos espaciais, temporais e materiais) e dos alunos, na determinação da extensão e sequência dos conteúdos a lecionar de cada modalidade, dos objetivos do ensino, dos diferentes momentos e formas de avaliação e das atividades de aprendizagem e progressões de ensino. A elaboração de todos estes módulos foi-se aprimorando ao longo do estágio e foi condição essencial para melhorar a qualidade e eficácia do ensino e, de alguma forma, enquanto professor.

A realização das avaliações diagnósticas foi o ponto de partida para a elaboração dos planos de UD. Nas primeiras modalidades lecionadas, foi difícil determinar quais os conteúdos a abordar e quais aqueles que ainda não estariam ao nível dos alunos. Contudo, ao longo do ano, fui evoluindo na capacidade de avaliar os alunos, fui também aperfeiçoando esse aspeto de avaliação. Não me assustava o facto de ter de modificar as UD previstas porque sabia que as alterações realizadas iam ao encontro das necessidades dos meus alunos. Assim, preferia focar-me em dois ou três conteúdos, que queria que os alunos realmente aprendessem, do que a “despejar matéria” de que eles não aprendessem nada. No entanto, tinha que ter também em conta que para um 10º ano e, é fundamental, privilegiar, as situações de jogo formal na modalidades que assim o permitissem.

As reflexões elaboradas antes e após a consecução das primeiras UD foram essenciais para dar sentido às minhas decisões, tendo funcionado como estimuladores de melhorias para as seguintes.

Quanto ao último nível de planeamento, rapidamente o NE conseguiu acompanhar as sugestões Professor Cooperante quanto à estrutura mais

apropriada, sobretudo o conteúdo, que era realmente essencial saber-se e o que era dispensável. Assim, foi nos primeiros momentos do estágio que a construção do plano de aula deixou de ser um problema. Claro que as dificuldades evoluíram para outro nível, traçar/selecionar, os exercícios que fossem adequados aos objetivos da aula e às capacidades dos meus alunos e, ao mesmo tempo, motivantes e inovadores.

Para adequar o plano de aula aos objetivos da aula e ao nível dos alunos, recorri frequentemente à diferenciação por níveis, mas optava também por integrar diferentes níveis, para que os alunos com mais capacidades pudessem ajudar aqueles com menos capacidades a evoluir e para que estes não se sentissem desvalorizados. Esta gestão é, na minha opinião, muito importante, para que os alunos não percam a motivação e o empenho ao longo da aula. Para estes propósitos foi importante o conhecimento que possuo dos conteúdos de ensino, mas ainda mais decisivo foi o conhecimento pedagógico do conteúdo, de forma a propor exercícios adequados às características e exigências dos meus alunos, embora ao longo do ano com a mudança de comportamento dos alunos, muitas vezes conflituosa, foi necessário realizar um trabalho diferenciado por níveis, de maneira a manterem o empenho e a motivação para as aulas.

Uma das formas que encontrei para combater a monotonia por vezes típica nos exercícios de ativação geral, foi a improvisação, relacionando sempre os exercícios com a modalidade que seria abordada durante as aulas, de forma que os alunos sentissem motivação e entusiasmos para a prática das aulas de Educação Física.

Desta forma, tentei abstrair-me das práticas standardizadas, isto é, exercícios repetitivos ao longo das aulas, como é a vulgar corrida tradicional à volta do espaço de aula durante um determinado tempo. Mas esta ansiedade que, no início do ano, criou alguma desorganização ao nível da aula, já que os exercícios propostos eram em demasia. Contudo, através da experiência que fui obtendo, sempre com o acompanhamento do professor cooperante, tentei sempre ajustar e quantificar as atividades de aprendizagem que permitisse aos alunos exercitar com qualidade de forma acompanhá-los

mais atentamente, tendo em conta os critérios de êxito e os objetivos estabelecidos, mas muitas vezes sem o sucesso pretendido.

Isto leva-nos para a questão da “*concentração no essencial*”, que deve ser entendida como uma exigência de qualidade” presente não só nos diferentes níveis de planeamento, mas também ao nível da realização. Bento (2003).

4.2.3 Os Momentos Especiais: Realizar o Ensino e a Aprendizagem

Foi neste momento, e sem querer por de parte a importância das tarefas para a organização e gestão do processo de ensino e aprendizagem, e que é na qualidade da sua ligação que o mesmo se torna mais produtivo. Foi aqui na realização da prática que senti que o professor de Educação Física deve estar atento a tudo o que se passa em seu redor para que consiga tirar sempre o maior proveito, transmitir o seu conhecimento, promover as aprendizagens, ir ao encontro das necessidades dos seus alunos. Esta prática é feita através da utilização das estratégias de ensino mais adequadas para que os alunos tirem o máximo partido das aprendizagens adquiridas como também a motivação, o empenho e o valor prático das aulas de Educação Física.

Assim, tive também a vontade de pôr em prática muito do que aprendi ao longo da minha formação. Para tal, seria importante a autonomia proporcionada pelo Professor Cooperante, mas que sempre me acompanhou nesta caminhada de desafios. Além disso, a sua orientação foi fundamental para que fossem estabelecidos os objetivos/desafios relativamente à realização da aula.

Ficou definido que o primeiro desafio a ultrapassar seria o ganho de confiança e o estabelecimento do controlo da turma; o segundo, rentabilizar ao máximo o tempo de aula; e o terceiro, aperfeiçoar a instrução. Nunca esquecendo que estes não se podem separar porque são sistemas que fazem parte do ambiente do espaço de aula (Siedentop, 1991) – isto é, interação entre si e a mudança num, motiva alterações no outro. Contudo, é importante

referir que foi a partir dos momentos observados (na lecionação das aulas e na relação com a comunidade) pelos meus colegas de NE e Professor Cooperante durante todo o meu percurso do EP, que obtive sempre as melhores indicações e críticas construtivas para que a minha aprendizagem no contexto de aula fosse o mais objetiva possível, o mais completa possível, para conseguir melhorar o meu desempenho durante a lecionação das aulas.

4.2.3.1 Primeiro Desafio: Ganhar Confiança e Estabelecer Controlo

Esta foi a primeira preocupação que o professor cooperante nos transmitiu, pois sem termos o devido controlo da turma no espaço de aula dificilmente teremos um ambiente favorável, promotor de aprendizagens. Se não for assim torna-se complicado o controlo das restantes tarefas de aula, pois a supervisão dos alunos tem de ser constante de forma a evitar comportamentos menos adequados, que podem levar a acidentes que podem ser evitados. A minha preocupação prendeu-se com a nossa proximidade em termos etários. Percebi que poderia tornar-se um problema, ao poder ser visto pelos alunos como uma situação favorecedora de desatenção e descuido por minha parte, e por outro lado que sentissem que uns alunos seriam mais favorecidos que outros. Contudo, nunca foi essa a minha intenção. Desde o primeiro momento pretendi estar próximo dos alunos e tornar-me disponível a aprender com eles, como eles a aprenderam comigo.

Assim, desde a primeira aula, procurei assumir o controlo da turma, tendo por base a confiança e não uma autoridade rígida, como costumo ser um pouco em contexto do treino. Também me pareceu não fazer sentido pela atitude dos alunos e empatia verificadas logo nesse primeiro momento, embora a minha personalidade seja um pouco rígida devido ao contexto do treino como referi.

Ao estabelecer uma relação de proximidade com os alunos, consegui ganhar a confiança, isto é, definir os papéis professor-aluno, de uma forma natural. Ou seja, sem as ideias de *“eu sou professor, vocês têm de me*

respeitar e fazer aquilo que eu mando”, mas de uma maneira em que ambos nos respeitássemos porque nos preocupávamos uns com os outros e com um bem comum: a qualidade e bom funcionamento da aula. Não tenho dúvidas que as características desta turma privilegiaram esta abordagem inicial. Se a postura da turma fosse outra, de certeza que a minha também teria que ser uma postura mais firme, mas de forma que os alunos ficassem motivados e entusiasmados para as aulas. No entanto, penso que em qualquer um dos cenários partiria sempre do mesmo princípio, uma relação afetiva com os alunos. Podem considerar-me ingénuo, mas aquilo em que acredito, e que tenho vindo a constatar, é que o mais importante é os alunos gostarem de nós e isso só pode ser conseguido se eles sentirem que o professor gosta deles mas sempre com a devida distância e respeito. Embora eu tenha sentido que por vezes tive a necessidade de ser rigoroso com os meus alunos, nas reuniões que tive com o meu NE e professor Cooperante constatamos que, não adianta sermos extremamente rigorosos nas regras ou na forma de atuar.

Esta relação de proximidade que, na minha opinião, deve ser estabelecida desde cedo com os alunos, foi, portanto, a base para que as aulas decorressem da melhor maneira, isto é, sem necessidade de as interromper para evitar atitudes repreensivas dos alunos.

Como é óbvio, nem sempre tudo decorreu de forma ideal, pois em alguns momentos senti a necessidade de adquirir uma postura diferente, devido aos comportamentos conflituosos entre os alunos. Não poderia ser o amigo habitual, mas sim aquele que estabelecia a ordem dentro da turma. Seria também nesta capacidade em modificar a minha postura que os alunos se aperceberiam de que tinham de obedecer sempre às regras da aula, como se se sentissem afetados pelas minhas palavras. Contudo algumas vezes foi preciso mesmo mandar sentar um ou outro aluno, que nem com uma breve conversa esses alunos adquiriam um comportamento desejado para a aula, Desta forma, os restantes alunos passavam a comportar-se de maneira mais correta na aula, mas que me entristecia por não conseguir modificar a atitudes desses alunos naquele momento em que eles se comportaram menos bem.

Um dos problemas encontrados no início do segundo período, provocado principalmente pela falta de atenção dos alunos e por alguns quererem destabilizar a aula, foi a repetição da explicação dos exercícios. Muitas vezes começava a instrução dos exercícios antes de todos os alunos estarem atentos à mesma. Após me ter apercebido desta falha, com a ajuda do Professor Cooperante, fui corrigindo a minha ação esperando o silêncio para iniciar a instrução e, desta forma, passaram a ser raros os momentos em que eu explicava e a turma não estava atenta. Por vezes, contei mesmo com o auxílio de alunos mais responsáveis que quando me viam calado a olhar para eles, pediam aos colegas para fazerem silêncio.

A qualidade do primeiro contacto permitiu a ausência de problemas mais significativos em termos do controlo da turma, pelo que foi possível centrar as minhas preocupações com aspetos relacionados com a gestão do tempo de aula e a instrução.

4.2.3.2 Segundo Desafio: Gestão – Rentabilizar o Tempo de Aula

A rentabilização do tempo de aula através de uma correta gestão do mesmo foi outro dos desafios mais significantes ao longo deste ano de estágio.

Numa primeira fase, a minha preocupação passou pela determinação e ajuste do tempo necessário para cada atividade planeada. Apesar de sentir que este pequeno problema surgia a cada nova modalidade a lecionar devido às suas diferenças a nível técnico e tático, rapidamente conseguia ultrapassá-lo, sendo capaz de adequar o tempo e número de atividades propostas à modalidade em questão. Onde senti maiores dificuldades foi quando mudava a aula para o exterior em que os alunos ficavam um pouco dispersos, tal como revelo e justifico na reflexão da UD de Voleibol:

“Nesta aula descuidei-me com o tempo de aula, pensando que a aula acabava mais cedo, e passei logo de seguida à conversa com os alunos sem realizar a parte de flexibilidade. Reconheço que fui um pouco autoritário com

eles devido ao comportamento deles durante a segunda metade da aula, não por se portarem mal, mas por desligarem da aula e não se concentrarem devidamente para os exercícios” (Reflexão da aula 4, 2/10/2012)

Assim, apesar de normalmente ser capaz de obedecer aos tempos estipulados para cada exercício, muitas vezes prolonguei o tempo de exercitação em alguns exercícios onde sentia que os alunos estavam motivados e entusiasmados, acabando por não realizar os planos com exatidão. Muitas vezes fui chamado à atenção para esse aspeto nas reuniões de NE, sabia que era importante não passar exercícios sem que o objetivo fosse concluído e/ou a execução fosse correta. Da mesma forma, percebia quando um exercício não se encontrava adequado ao nível dos alunos, tanto por ser muito fácil como muito difícil, e era capaz de modificar as condições ou passar para o seguinte.

No entanto, as situações onde tive maior dificuldade em controlar o tempo, foram os momentos de exposição verbal a matéria. Tinha que conversar com os alunos acerca dos conteúdos abordados para que eles compreendessem a transferência dos exercícios critério, para a situação de jogo, de forma a eles sentirem o significado dos exercícios.

Se numa fase inicial, esta dificuldade foi encarada com alguma preocupação, depois fi-lo com naturalidade, e aproveitava para interagir com os alunos caso não houvesse mais nada de relevante a tratar. Por outro lado, também não me incomodava o tempo que sobrava desses momentos para que houvesse mais tempo de exercitação nas modalidades individuais e enfatizar mais o tempo de jogo, nas modalidades dos desportos coletivos.

Ainda neste desafio, procurei adotar diferentes estratégias que me proporcionassem mais tempo de empenhamento motor dos alunos, e ao mesmo tempo que diminuíssem os tempos de espera, de transição e organização. Alguns exemplos das estratégias básicas e rotinas de trabalho que permitiram reduzir tempos de organização foram: como dirigir-me para o local de aula dez ou cinco minutos antes para selecionar o material e, quando

possível, preparar o espaço de aula formando os grupos/equipas conforme o planeamento.

Nos desportos coletivos, quando os alunos estavam divididos por grupos, movimentava-me de forma a poder passar por todos os grupos para fornecer feedbacks. Quando verificava que o objetivo estava a ser cumprido com o êxito desejado ou era necessário trocar para o exercício seguinte cuja estrutura era semelhante, fazia-o muitas vezes da forma mais rápida possível para que não houvesse grande quebra de ritmo na transição dos exercícios. Desta forma, reduzia o tempo de instrução e proporcionava mais tempo de empenhamento motor, já que não parava a exercitação de toda a turma para explicar o novo exercício a menos que fosse mesmo necessário. Quando detetava um erro comum a todos os grupos, voltava a explicar para a turma toda.

Tentei que as rotinas criadas fossem transversais às UD para que a aula se desenrolasse com fluidez. Além disso, permitiam também um maior envolvimento dos alunos na aula, tornando-se eles próprios gestores, devido às tarefas de distribuição, organização e arrumação do material. Através destas estratégias proporcionava-se também a responsabilização dos alunos pelo material escolar que se revela importante quando os recursos são poucos e, por isso, existe uma necessidade acrescida de o preservar. Rotinas essas que era assimiladas rapidamente pelos alunos mais responsáveis, os quais tinham também a responsabilidade de liderarem as equipas criadas por mim, que iriam trabalhar nas aulas. Contudo alguns alunos tiveram alguns comportamentos menos adequados a estas rotinas, sendo preciso impor alguma disciplina no seu comportamento para que eles colaborassem com os restantes colegas nas tarefas de gestão da aula.

De referir ainda que os alunos indisponíveis para realizarem a prática, estavam sujeitos à elaboração de um relatório de aula, com uma estrutura padronizada e também ajudavam na gestão e arrumação do material sempre que solicitados. Seria sim significativo que pudesse incluí-los na aula de alguma forma, como desempenharem a função de árbitro, participarem em exercícios que fossem menos exigentes ou auxiliarem-me em algumas tarefas, para que tivessem um papel mais ativo. Esta tarefa era realizada em todas as

aulas visto que foi algo que me perseguiu quase todo o ano letivo, principalmente a partir do segundo período, devido ao elevado número de dispensas e faltas que havia durante as aulas de educação física.

“...alunos que pediram dispensa por motivo de saúde, e dores musculares, dispensas essas que utilizei para rentabilizar a aula na montagem e do material para a realização dos exercícios. Um aspeto curioso em termos de organização de espaço foi que eu me tinha apercebido para não quebrar o ritmo da aula na montagem e desmontagem de material.” (Reflexão de aula 32, 5/02/2013)

A perceção desta falha resultou da vontade de me tornar melhor na gestão dos recursos, embora depois do início do segundo período com a mudança de comportamento dos alunos, foi um pouco complicado gerir essas tarefas, daí que eu tenha usado em todas as aulas os alunos que pediam dispensa para essas tarefas de montagem e desmontagem do material enquanto eu estava ocupado com tarefas de instrução. Além disso, pretendo evoluir nestes aspetos já que ao longo da minha vida profissional não irei certamente encontrar turmas com as características desta turma.

Assim, considero que fui capaz de superar este desafio através da implementação de regras, rotinas e métodos de trabalho que me permitiram rentabilizar o tempo disponível de aula (os 70 minutos), possibilitando mais tempo de empenhamento motor aos alunos e, conseqüentemente, tempo potencial de aprendizagem.

4.2.3.3 Terceiro Desafio: Instrução - Melhorar a Qualidade da Informação

Aperfeiçoar a qualidade da instrução foi outro dos desafios a enfrentar na realização da prática. Sabia à partida que este era um aspeto fundamental para que os alunos compreendessem aquilo que lhes era pedido e aprendessem. Foi obviamente alvo de treino e reflexão ao longo de todo o ano letivo, em que

as reflexões das aulas realizadas nas reuniões do NE estes aspetos eram sempre focados e discutidos.

Um dos principais obstáculos à eficácia da transmissão foi a falta de atenção e concentração por parte dos alunos, o que originou dificuldades na compreensão dos exercícios, daí que eu sentisse a necessidade de muitas vezes parar a aula e voltar a explicar os exercícios novamente.

“...eu expliquei e voltei a explicar pois chego à conclusão de que se explicar mais que uma vez os alunos assimilam melhor e o facto que observei é que todos eles dentro das dificuldades que tinham conseguiram o remate de forma razoável ...”(Reflexão da aula 10, 26/10/2012).

Inicialmente, este problema motivou que me sentisse culpado por esta reação dos alunos, sentindo-me de certa forma incompetente por não conseguir passar a mensagem. Através dos diálogos com o Professor Cooperante, comecei a perceber que teria de ser mais objetivo e claro na minha instrução e ir dando sempre feedbacks positivos com a devida correção para que os alunos se sentissem motivados e entusiasmados para as aulas. Por isso, o meu objetivo passou por reverter tal situação. Teria que tornar clara a mensagem, (a explicação dos exercícios), de maneira a não perder tempo na exercitação, pois muitos deles, nunca tinham experimentado aqueles exercícios em vivências anteriores. Contudo, sabia que mais valia explicar duas vezes para que realizassem corretamente do que apenas uma vez e depois eles ficarem com dúvidas, não conseguindo executar os exercícios da forma mais correta possível.

Neste sentido, foi fundamental simplificar a linguagem, tornando a instrução dos exercícios o mais acessível possível para os alunos de forma a, delinear bem os objetivos comportamentais. Estas estratégias permitiram-me expor as situações de aprendizagem de forma mais eficaz. No entanto, a estratégia que melhor me possibilitou combater o referido problema, sem dúvida, a demonstração. Para tal, tanto a minha execução, como a utilização dos alunos, como os meios audiovisuais, foram diferentes as formas que

encontrei para adotar esta estratégia. Os vídeos que usei, na ginástica acrobática, e na dança quando estas modalidades foram abordadas durante o ano letivo, foram uma grande ajuda na criação das coreografias de ambas as modalidades. Nas primeiras aulas a demonstração não correu da melhor forma, e após alguma reflexão sobre este aspeto, depois de algum treino de execução da minha parte, consegui minimizar os erros de demonstração ocorridos nas primeiras aulas, principalmente na ginástica acrobática.

“Um dos erros que cometi foi na escolha dos alunos para fazer a demonstração de um exercício de equilíbrio, em que escolhi um aluno com grande porte físico em vez de ter escolhido um aluno mais leve, aspeto que no final retifiquei demonstrando com um aluno mais leve a fazer a função de volante o exercício de forma correta, e que depois os alunos realizaram de forma razoável.” (Reflexão da aula 2, 21/09/2012).

“...coloquei a minha atenção no grupos que estava com dificuldades para que iniciassem o seu trabalho. Mostrei-lhes algumas coreografias em vídeo que tinha no portátil, que poderiam fazer com os passos de dança que tinham dado na aula anterior. A partir daí uma das alunas tomou a liderança do grupo e com algumas indicações começaram a trabalhar, sendo depois o grupo mais consistente na elaboração da sua coreografia como na colaboração de todos os colegas do grupo como no respeito de uns pelos nas decisões que tomaram...” (Reflexão da aula 40, 05/03/2013).

A demonstração foi quase sempre a maneira mais recorrente em todas as UD, à exceção da Orientação. Ou seja, quer nas modalidades individuais (Atletismo, Badminton e Dança) quer nas coletivas (Voleibol e Futebol) a demonstração foi útil para melhorar a qualidade da informação, já que é a única estratégia que permite associar a visualização à audição por parte do praticante e, como se costuma dizer, “uma imagem vale mais do que mil palavras”.

Poder pôr em prática aquilo que fui aprendendo a fazer ao longo da minha vida pessoal e académica, desencadeou um gosto especial na utilização desta estratégia.

Se havia modalidades em que tinha facilidade em fazê-lo, como no Futebol, no Voleibol, na Dança ou no Badmínton, noutras era preciso preparar-me previamente para tal, como o Andebol devido à lateralidade, pois como escrevo com a mão direita e o MI dominante é o esquerdo, por vezes trocava os passos no exercício do remate no Andebol. Assim, a demonstração foi também fator de interesse especial para melhorar na execução das habilidades motoras das diferentes modalidades que lecionei.

Um outro aspeto fundamental a utilização de informação complementar à demonstração. Para tal, recorri frequentemente à utilização de palavras-chave, que foram úteis para os alunos perceberem o que eu estava a executar. Como referem Graça e Mesquita (2006), aquando da demonstração revela-se fundamental destacar a informação mais importante, reforçando os pontos críticos. Além disso, é importante que seja precisa, isto é, contextualizada na situação que vai ser utilizada, que tenha qualidade e que seja repetida várias vezes e de diferentes ângulos. Será através destas quatro características que esta estratégia instrucional terá qualidade, e será extremamente útil a qualquer professor.

Na tentativa de envolver ainda mais os alunos na sua aprendizagem, isto é, na perceção daquilo que executavam (correta ou incorretamente), recorri também ao questionamento. No entanto, esta estratégia demonstrou-se, a maior parte das vezes, ineficaz, visto que maioria dos alunos tinha dificuldades em perceber aquilo que executavam e isso levava a que não fossem capazes de responder às minhas questões. Apesar de o fazer principalmente de forma individual, sentia que a indecisão nas respostas levava a momentos de paragem da prática, pelo que preferi que eles desfrutassem ao máximo da prática do que insistir nesta estratégia. Contudo, seria fundamental que eles percebessem o motivo da execução dos diferentes movimentos que realizavam.

Assim, optei por fazer um resumo daquilo que tinha sido alvo de aprendizagem, na parte inicial e final das aulas. Também aquando da emissão de feedbacks preocupava-me em perceber se os alunos tinham compreendido as minhas correções e indicações antes de eles cometerem o erro novamente.

Todas as estratégias que utilizei, desde a demonstração, como as tecnologias de vídeo, deram um bom contributo para a compreensão da execução dos exercícios como a criação e originalidade das coreografias nas modalidades de ginástica acrobática e dança.

4.2.4 A Necessária Tarefa de Avaliar

A tarefa de avaliar é também uma das mais difíceis. Foi assim que ela se revelou ao longo do estágio, logo a partir das primeiras aulas, aquando das avaliações diagnósticas de cada modalidade abordada.

Foi na primeira aula prática que surgiu a primeira avaliação diagnóstica, que recordo pela sua singularidade: ser realizada em conjunto com os meus colegas de NE e o Professor Cooperante. Esta foi uma estratégia adotada pelo Professor Cooperante, para não nos sentirmos desprotegidos ou, como se costuma dizer, “lançados às feras”, durante as aulas da primeira semana. Foi, sem dúvida uma mais-valia, porque era um dos meus maiores receios e na verdade, ainda me sentia inseguro relativamente à minha capacidade para conseguir avaliar todos os alunos. Contudo, a partir daí, estaríamos entregues a nós próprios, tendo que desenvolver uma capacidade de observação mais precisa e eficaz no que diz respeito às avaliações diagnósticas para depois conseguir elaborar da melhor forma possível os diferentes MECs para a minha turma.

Foi essa capacidade de observação, ou seja, ser capaz de perceber a prestação de cada um dos alunos, o que realmente valem, que se demonstrou como a primeira dificuldade a superar.

Nas aulas seguintes, talvez por terem acontecido num espaço interior esta dificuldade não foi tão sentida. No entanto perdia por vezes o campo de visão dos alunos da turma pela ansiedade de querer logo corrigir um aluno ou grupo onde observava um erro e cortava caminho pelo meio dos alunos.

Sobretudo na sala de dança que era pequena e com uma turma enorme, ter constantemente o olhar atento sob os alunos era muito difícil.

“fazia mais sentido fazer um “quadrado” com os colchões e ter os alunos mais juntos uns dos outros, de forma a conseguir ter todos os alunos sobre o meu campo de visão para que possa controlar melhor os comportamentos deles e dar mais feedbacks, que de qualquer maneira penso que é difícil pois eles são muitos alunos para conseguir dar a devida atenção a todos...” (Reflexão da Aula 11, 30/10/2012).

Contudo, seria importante aperfeiçoar esta capacidade para não perder acontecimentos das aulas que fossem determinantes para a sua qualidade. Neste sentido, à medida que as aulas iam passando, tornei-me capaz adquirir uma maior capacidade de observação, o que me fez crer que a “experiência”, isto é, o experienciar, a prática, o confronto com a realidade, é determinante para que esta seja obtida. Esta evolução foi primeiramente confrontada nos momentos de avaliação formal, como são os casos da avaliação diagnóstica e sumativa. Fui sendo mais capaz de avaliar em conformidade com aquilo que os alunos realizavam. Mas aprendi também que é impossível conseguirmos observar tudo o que acontece numa aula, há sempre alguma coisa que nos escapa. O que não quer dizer que não nos devemos esforçar ao máximo para que isso não aconteça.

Também a avaliação em modalidades individuais como o Atletismo ou o Badmínton revelaram-se também difíceis, apesar de estar um pouco mais à vontade nestas modalidades. Realizar a avaliação e ao mesmo tempo ser capaz de gerir os restantes aspetos da aula, foi desafiante, principalmente porque os comportamentos dos alunos no início do 2º período foram piorando. No entanto, com ajuda do professor cooperante, e no dia das avaliações levar já a grelha de avaliação preenchida com as notas provisórias dos alunos, tornou mais facilitada a tarefa de avaliar e gerir os outros aspetos no meu trabalho. Assim, fui aprendendo que a emissão de um feedback a um aluno ou a um grupo que esteja mais distante do local onde me encontro e o

posicionamento num local oposto ao do aluno que estou a avaliar são estratégias que favorecem o controlo da aula e evitam comportamentos inadequados.

Outro dos problemas foi também a definição dos critérios de êxito para cada conteúdo a avaliar. Se, primeiramente, selecionar um número de critérios que fosse passível de ser avaliado foi sendo melhorado à medida que os momentos de avaliação formal aconteciam, havia um problema bem maior que se revelou uma “luta” com pouco sucesso, que foi sentir algum desinteresse de alguns alunos pela disciplina (talvez por a nota obtida não contar para ingresso da faculdade).

Compreendi ao longo do estágio que o processo de avaliação não se liga apenas à atribuição de um nível, isto é, à classificação. Se bem que essa seja obrigatória, o mais importante é o que aprendemos, o que obtemos e adquirimos ao longo de todo o processo, no sentido de melhorarmos as nossas práticas e de adequarmos o processo de ensino e aprendizagem aos nossos alunos.

Deste modo a avaliação diagnóstica foi o meio que me permitiu obter conhecimento sobre as capacidades dos meus alunos, e com a construção do MEC com a respetiva UD, adequei todo o processo de ensino e aprendizagem de cada uma das diferentes modalidades, no sentido de os fazer evoluir, isto é, aprender. A avaliação sumativa possibilitou avaliar a aquisição dos objetivos por parte dos alunos e, por outro lado, analisar e sumariar a qualidade das estratégias levadas a cabo por mim para esse fim.

Por outro lado, a avaliação formativa, com um carácter informal, realizada através de observação direta e das reflexões escritas de todas as aulas foi, sem dúvida, uma avaliação importante. Considero-a assim por diversos motivos: foi a que ocorreu com maior frequência, a que se revelou um alicerce fundamental para a avaliação sumativa, a partir da qual pude dar a conhecer aos alunos aquilo que pretendia deles, e porque me permitiu ajustar o processo de ensino e aprendizagem, isto é, construir e reconstruir de forma a ajustá-lo às necessidades dos alunos. Contudo, com a altura dos testes teóricos, alunos que eu sabia que eles valiam muito mais do que aquilo que demonstravam nas

aulas de avaliação sumativa, desconcentravam-se, baixando o seu rendimento na última aula da UD da modalidade que foi abordada. Esses alunos tinham o pensamento no teste que iriam realizar a seguir. Outro aspeto foi que, alguns alunos abandonavam e faltavam à aula para estudarem na biblioteca para o teste, dizendo que estavam doentes, ou se sentiam mal dispostos.

“Uma situação caricata que aconteceu, foi a de uma aluna ter dito que se estava a sentir mal disposta, tendo em conta isso mandei-a ter com a funcionária para ela tomar um chá mas depois voltar à aula, mas o que aconteceu foi que ela nunca mais voltou à aula, indo o professor cooperante ver o que se tinha passado com ela, e viu que ela estava na biblioteca a estudar para outras disciplinas, tendo em conta esse aspeto a diretora de turma será notificada pelo comportamento da aluna em abandonar a aula sem permissão” (Reflexão da aula 35, 19/02/2013).

Neste sentido, devo à avaliação formativa a possibilidade de, no momento da sumativa e da classificação, ser capaz de decidir com maior rapidez, tendo em conta todo o processo anterior. A emissão de feedbacks e as conversas no final das aulas foram momentos que exemplificam a capacidade de, através deste tipo de avaliação, situar os alunos relativamente aos seus desempenhos e aquilo que ainda podiam atingir, se continuassem a trabalhar para tal.

É preciso também ter em conta que todo este processo avaliativo não se centra apenas nas capacidades e habilidades motoras mas em todas as áreas transdisciplinares da Educação Física como a cultura desportiva, os conceitos psicossociais e a fisiologia do treino e condição física. Isto era algo que a mim me escapava nas primeiras reflexões, mas que aos poucos foi fazendo todo o sentido devido à riqueza da nossa disciplina.

Quanto à classificação, foi sempre meu objetivo ser o mais justo possível, sabendo da dificuldade que esta me fez sentir nos momentos de avaliação. Recorri frequentemente à comparação entre os alunos para poder distinguir, com justiça, os desempenhos, embora alguns alunos baixassem consideravelmente a sua nota devido às atitudes que tomaram durante as

aulas. Como o exemplo que referi de abandonarem as aulas para irem estudar para outras disciplinas, o que de certa maneira me entristeceu.

Assim, posso concluir que todo este processo avaliativo, desde o primeiro ao último momento, me fez evoluir como professor, permitir-me visionar as estratégias que melhor funcionavam com aqueles alunos e, dessa forma, promover a aprendizagem. Embora sem grande sucesso, provavelmente porque alguns alunos simplesmente não valorizavam a aula de Educação Física, uns porque não gostavam de alguma modalidade, outros porque estavam sempre em conflitos com os colegas e outros porque a nota não contava para ingresso na faculdade. Estes aspetos que levou-me a tentar motiva-los de todas as formas que conhecia, muitas vezes com a intervenção do professor cooperante, mas sem grande sucesso também.

Vou agora refletir acerca de alguns momentos que considero marcantes na minha atuação e que se revelaram de grande importância quer para a formação profissional, quer para o sucesso da atuação ao longo do ano.

4.2.5 A aplicação do Modelo de Educação Desportiva

Outro dos momentos marcantes durante o primeiro período foi a aplicação do Modelo de Educação Desportiva.

O Modelo de Educação Desportiva segundo Siedentop (1994) enfatiza o papel socializador do Desporto, através de um papel ativo do praticante na organização de tarefas subsidiárias ao jogo e no próprio jogo.

Este modelo tem como objetivos difundir aprendizagens contextualizadas, através da promoção de experiências educacionalmente ricas e autênticas na aula de Educação Física, pretendendo desenvolver alunos desportivamente literatos, competentes e entusiastas (Graça & Mesquita, 2007).

A literacia desportiva tem como principal objetivo tornar os nossos jovens em cidadãos desportivamente cultos, estimulando a sua capacidade em

identificar especificidades características das modalidades, identificando as regras, tradições e rituais da modalidade em que este modelo é aplicado.

Segundo Graça & Mesquita (2007) a competência, pretende-se fomentar nos alunos a capacidade suficiente para participar no jogo de forma satisfatória, valorizando as componentes técnico-táticas e as ações sem bola, certificando que o aluno compreende a sequência de ações desejada e age de acordo com as mesmas.

Relativamente ao fator entusiasmo, este modelo indica que um aluno entusiasta participa e compartilha de forma a preservar, proteger e realçar uma cultura desportiva não só numa comunidade local, mas também na comunidade nacional (Siedentop 1994) .

Segundo Siedentop (1994), o objetivo deste plano de atuação que o aluno continue uma participação ativa no Desporto pelas experiências adquiridas pela participação neste modelo, motivando-o mesmo a tornar-se praticante da modalidade em questão ou mesmo despertar no aluno o desejo de participar em competições como voluntário.

Este modelo privilegia também características de inclusão para reduzir barreiras no envolvimento desportivo, defendendo um “Desporto para todos e com todos”, suportado em palavras-chave como humanizar, democratizar, e socializar (Siedentop,1994).

Apliquei o Modelo de Educação Desportiva na primeira UD lecionada neste ano letivo. O Voleibol.

Muito do trabalho de operacionalização deste modelo já tinha sido feito no ano anterior, uma vez que este modelo, foi aplicado contexto das práticas pedagógicas do 1º ano de mestrado, em diferentes modalidades como o Atletismo, o Andebol, o Basquetebol e o Voleibol. Posto isto, já tínhamos experiência na aplicação do modelo, na produção dos documentos necessários para as equipas, na operacionalização das tarefas específicas dos alunos e mesmo nas dinâmicas que devem marcar o desenvolvimento das aulas.

Uma das grandes vantagens verificadas que a aplicação deste modelo, foi a crescente interajuda e cooperação que se foi verificando entre os alunos ao longo da época desportiva. De destacar que esta preocupação e espírito de

equipa foi verificada não só no capitão e no sub-capitão de equipa, mas também nos restantes alunos, criando um boa sinergia dentro das equipas e um clima competitivo e saudável entre eles.

Ao longo da época desportiva foi possível verificar uma crescente autonomia nas equipas, destacando-se a intervenção dos capitães na liderança da equipa, bem como dos restantes colega de equipa.

Contudo o Modelo de Educação Desportiva, não resultou nas modalidades de andebol (segundo período). Penso que o fracasso, deveu-se a vários motivos, a saber: as modalidades foram as menos aclamadas pelos alunos, a preocupação com as avaliações (testes teóricos) nas outras disciplinas e menor interesse e empenho nas aulas e as frequentes faltas e dispensas às aulas. Assim, foi necessário que alterasse em quase todas as aulas o planeamento, adaptando o número de elementos pelas restantes equipas disponíveis. Em muitas aulas, verificou-se que algumas equipas tinham só dois elementos, o que me levou a trabalhar as aulas por nível e não em equipa conforme preconiza o Modelo de Educação Desportiva e como tinha sucedido nas aulas de voleibol no 1º período. De referir que o comportamento dos alunos em relação às aulas de educação física a partir do segundo período mudou muito. Em quase todas as aulas tive que lidar com problemas de rivalidade que traziam fora das aulas, e de alunos que perturbavam constantemente o decorrer das aulas. Apesar dos diálogos de motivação de minha parte, em que lhe transmita os benefícios do trabalho de equipa, a interajuda, a socialização e o respeito que devem ter uns pelos outros, para estarem melhor preparados para enfrentar de frente os problemas que iriam encontrar, os alunos pouco alteraram o seu comportamento. Nem as chamadas de atenção por parte do professor cooperante, em relação ao seu comportamento, alertando que apesar de a nota não contar para a média final este ano, para o próximo ano poderia contar e os alunos estariam a perder a oportunidade de conseguirem melhores qualificações finais. Mesmo assim os alunos conflituosos não se quiseram esforçar para ajudar pelo menos os membros das suas equipas que estavam empenhados nas aulas.

4.3 Participação na Escola e Relações com a Comunidade

“Partindo de um entendimento da escola como uma comunidade de aprendizagem, cuja interação entre os membros e com a própria comunidade é fundamental, pode-se, assim, perceber que, hoje em dia, o papel do professor é muito abrangente e complexo.”

(Silva, 2009)

Pela afirmação acima percebe-se que, se o professor de Educação Física quer reforçar o seu papel na escola e na comunidade escolar, não pode restringir a sua atuação apenas ao espaço de aula e à relação que estabelece com os alunos, mas deve estar consciente de que desempenha um papel essencial no seio dessa comunidade.

Chegar à escola de manhã e cumprimentar e interagir com os funcionários dos balneários e conviver na sala dos professores foram situações das quais tentei retirar o máximo prazer para poder sempre recordar-me daquilo que ocupa a vida de um professor na escola. Foram todos momentos especiais, se bem que, por vezes, desvalorizados face à maior preocupação e ansiedade relativamente às aulas, não queria que elas corressem mal. No entanto sobre este desejo, fui ao longo do tempo, apercebendo que nem sempre as aulas correm da melhor maneira possível.

Ao longo do ano de estágio envolvi-me nas atividades organizadas pelo Grupo de Educação Física, os torneios, o desporto escolar e participei nas reuniões de Conselho de Turma. Estas vivências fizeram-me presenciar de forma autêntica as funções do professor como elemento de uma comunidade educativa e guiaram-me à descoberta de novos entendimentos sobre esta profissão.

4.3.1 As Reuniões.

Através das reuniões do NE e as de Conselho de Turma, onde participei, fui-me apercebendo de que a lecionação era, realmente, a tarefa em que me sentia mais confortável (embora nem sempre tenham corrido da forma que eu queria que corresse), porque me parecia que aí minha atuação era me parecia mais determinante. Inicialmente senti alguma timidez em exprimir as minhas ideias, com o receio de que elas passassem despercebidas mas rapidamente, fui capaz de interagir com eles no sentido de esclarecer as minhas dúvidas e, dessa forma, expor também as minhas convicções acerca da função de ser professor.

Nas reuniões do Conselho de Turma, por serem mais espaçadas no tempo, tentando captar as discussões que iam surgindo, mesmo que algumas fossem desnecessárias, conversávamos sobre a turma, tentando resolver os problemas que a caracterizavam através do estabelecimento de estratégias. Havia momentos em que estranhava os meus alunos já que algumas das informações transmitidas pelos professores da turma iam contra aquilo que acontecia nas minhas aulas. Por minha causa? Pensava eu. Gostava de acreditar que sim, mas seria difícil de comprovar, pois a aula de Educação Física, tem características diferentes e é realizada num espaço diferente das aulas teóricas da sala de aula. Infelizmente os comportamentos negativos que foram relatados nessas reuniões, também começaram a ser levados para as minhas aulas, levantado problemas de controlo dos comportamentos e atitudes de alguns alunos que influenciavam muito os restantes colegas. Percebi que tinha ali um lugar importante como responsável pela formação daqueles 28 jovens que acompanhei durante todo o ano letivo.

As reuniões de NE foram fundamentais, para a minha formação profissional, em que discutíamos as possíveis estratégias da forma a melhorar o nosso desempenho na lecionação das nossas aulas. Através das observações que fizemos das aulas dos meus colegas de estágios, elaboramos sempre críticas construtivas que foram importantes, para a nossa evolução como professores.

4.3.2 Colaboração nas atividades promovidas pelo núcleo de Educação Física

Relativamente à colaboração nas atividades desenvolvidas pelo grupo de Educação Física participamos em diferentes atividades, incluído:

- 1º período: no torneio de basquetebol 3x3;
- 2º período: no corta-mato escolar, o torneio de Badmínton;
- 3º período: o torneio de andebol.

4.3.2.1 Torneio de Basquetebol 3x3

No torneio de basquetebol 3x3 ficamos com a responsabilidade de arbitrar os jogos do torneio de basquetebol. Senti alguma ansiedade juntamente com o nervosismo de não errar nas decisões a tomar, na marcação de faltas e dialogo com os alunos para que corresse da melhor forma possível.

A meio do torneio tivemos de mudar com algumas equipas de pavilhão devido à humidade que se fazia sentir em algumas zonas do pavilhão. Esta mudança gerou alguma confusão nos espaços do jogo, onde me senti um pouco perdido, até que os professores organizadores definiram os locais de jogo e retoma-mos o calendário de jogos definidos. Durante os jogos, os alunos envolveram-se em agressões, o que exigiu de mim, impor autoridade e respeito, que não foi fácil, porque os jovens estavam muito agitados. Após algum diálogo, chamando atenção para a imagem que estavam a dar aos professores e colegas que estavam assistir ao torneio, com aquele tipo de atitude, os alunos acalmaram os ânimos e retomaram aos jogos mais disciplinados.

No final do torneio senti que os alunos envolvidos nas agressões, tinham ficado com um má impressão de mim devido à minha atitude autoritária. Como eu não queria que ficassem com essa impressão, fui falar com eles para que eles compreendessem que não deviam ter aquele tipo de atitudes seja nos torneios da escola como no seu dia-a-dia, pois só tem a perder com aquele tipo de atitude negativa. No final os alunos pediram desculpa pelo sucedido,

prometendo que iriam tentar nunca mais ter aquele tipo de atitude menos agradável.

Penso que o torneio correu bem, embora pudesse ter havido melhor organização, porque houve muita demora no início, na formação dos grupos, e na distribuição dos campos para as equipas que iriam jogar. Penso que também houve alguma falha de comunicação dos professores das outras disciplinas, pois muitos dos alunos que queriam ver os jogos do torneio, não puderam devido à lecionação de aulas nesse dia, o que levou a uma fraca assistência dos jogos do torneio, especialmente nas finais de cada escalão etário. Contudo o número de participantes até foi elevado, tanto no género masculino, como no feminino. Penso que esta modalidade na escola pode ser melhor aproveitada, especialmente pelo desporto escolar, pela aderência que o torneio teve.

4.3.2.2 Corta-Mato Escolar

Quanto ao corta-mato escolar este foi realizado no dia 10 Janeiro, na Quinta das Freiras, um parque público, perto da escola, com boas condições para a realização do evento, que contou com a colaboração de todos os professores de Educação Física, e também a colaboração dos estagiários da FADEUP do ISMAI.

Todos nós ficamos responsáveis por uma tarefa na prova. Uns ficaram em pontos estratégicos para que não houvesse batota por parte dos alunos, outros ficaram na, partida e na meta, e outros na parte da logística de fazer a classificação.

No início todos os estagiários e mais alguns professores, ficamos encarregados de fazer a chamada dos alunos que estavam inscritos. No entanto demorou algum tempo, pois nós não conhecemos todos os alunos, e que mesmo com a ajuda dos meus colegas demoramos algum tempo nesta situação. Penso que seria mais fácil, os professores dos alunos terem os respetivos dorsais, para os entregar aos alunos, de forma a perder menos tempo na entrega dos mesmos. De referir que a anulação dos alunos da

listagem que faltaram à prova, foram muitos, até pelos comentários dos professores que compararam a prova, ao corta-mato realizado no ano passado, que teve o triplo da população de alunos a realizarem a prova. Penso que nós professores, deveremos analisar esta situação, e se estamos a dar os estímulos corretos para a aderência das atividades desportivas no contexto escolar. Será que as atividades vão ao encontro dos interesses dos alunos?

Penso que esta situação deveria ser refletida e analisada com os professores em conjunto. Pois se houve uma drástica redução de alunos a participar na prova, deve com certeza de haver algum motivo, e esses motivos devem ser conhecidos, refletidos, ver os que se deve fazer para melhorar esta situação para que haja de novo uma maior aderência, a este evento, como à prática de atividade física desportiva.

No final penso que a prova, dentro daquilo que foi a sua organização, o trabalho realizado pelos professores estagiários e pelos professores da escola, possibilitou um bom desempenho, dada a boa colaboração entre todos. As condições atmosféricas apesar de assustarem um pouco não puseram em causa a realização da prova. Refiro também a boa prestação dos três alunos da turma que leciono. Que apesar no pouco tempo que têm de aulas de Educação Física, para treinarem atletismo, ter um 4º lugar, um 10º lugar no feminino em 24 alunas em prova, mais um 3º lugar no masculino, contra alguns atletas federados da modalidade, que eu conhecia do tempo que fui treinador de atletismo, em vê-los nas provas oficiais, penso que a prestação dos meus alunos foi bastante boa.

Este evento serviu para aumentar a cumplicidade do nosso núcleo de estágio com os restantes docentes de educação física, pois a nossa tarefa tinha como objetivo uma grande interação com os outros professores e alunos, na articulação de informações.

4.3.2.3 Torneio de Badminton

O último dia de aulas do 2º período, foi especial porque incluiu o torneio de badminton, onde a aderência dos alunos superou todas as minhas expectativas, pois a afluência de alunos ao torneio foi enorme.

Neste dia o pavilhão estava realmente muito cheio, por um lado os alunos a disputarem os seus jogos, por outro, os colegas a darem incentivo do recinto de jogo e das bancadas. Neste torneio fui quase um espectador, porque a professora do desporto escolar (grupo que integrei até ao final do 2º período), organizou o torneio de forma a serem os próprios alunos a arbitrarem os jogos. Contudo era sempre preciso chamar atenção dos alunos para as regras do badmínton. Durante o torneio apenas fiz a chamada dos alunos de grupos de jogos para os seus respetivos campos, e depois esperei que os jogos acabassem para os árbitros me informarem dos resultados para posteriormente os entregar na mesa da organização. A partir daí tornei-me novamente num espectador, dando algumas instruções e corrigindo alguns erros aos alunos que treinei no desporto escolar.

Foi um torneio que excedeu as expectativas de toda a organização, com muita participação por parte dos alunos da escola. Nem eu estava à espera, pois esta é uma modalidade menos badalada, reflexo no número reduzido de alunos a participarem no desporto escolar, como na cultura da população em redor da escola. Penso que este acontecimento, mostra que com vontade, organização, e divulgação da modalidade podem-se ultrapassar muitos obstáculos para a prática da modalidade.

4.3.2.4 Torneio de Andebol

Após a organização e calendarização das equipas, no dia 22 de Maio iniciamos o torneio de andebol, que eu e o meu colega Rui Cordeiro de estágio tivemos a preparar até á data, com o devido regulamento, divulgação e respetivos pedidos de autorização aos encarregados de educação para que este se realizasse. Apenas tivemos 6 turmas, 3 do ensino básico, sendo que ainda houve uma turma do género feminino, que acabou por não jogar por ser só uma equipa do género feminino, e três turmas do secundário. Ainda pusemos a hipótese de elas jogarem com as equipas masculinas, mas elas recusaram, devido à agressividade dos rapazes. Para que não houvesse grande discrepância entre o nível de jogo entre as turmas do secundário com

as turmas do básico, decidimos dividir o torneio em dois dias, em que as turmas de básico apenas jogaram entre si, e nas turmas do secundário fizemos o mesmo.

Durante o torneio, fiquei na mesa de jogo a marcar os resultados no marcador e no boletim de jogo, enquanto o meu colega arbitrou os respetivos jogos. Em alguns momentos do torneio, foi preciso manter alguma disciplina, devido a comportamentos inadequados, em alguns momentos, típico em situação de competição. A participação dos colegas que estavam a assistir a bater palmas a torcer pela sua turma, o que deu um ambiente de festividade ao torneio neste primeiro dia.

No final demos os parabéns à equipa vencedora, e os alunos cumprimentaram-se todos num ambiente de fair-play, pedindo desculpa por algum mal-entendido ou comportamento menos próprio durante os jogos.

No dia 29 de Maio, demos início ao segundo dia de torneio, com as turmas de secundário. Estavam com alguma expectativa de existirem manifestações de agressividade entre os alunos, pois muitos deles já praticavam a modalidade há algum tempo, verifica-mos nas conversas que tivemos com eles antes dos jogos.

Senti que os alunos estiveram muito envolvidos no jogo, tendo uma atitude digna e exemplar no seu comportamento, o que era recomendável a todos os atletas e alunos da escola, o que ajudou bastante o nosso trabalho.

Penso que o torneio correu bem, sem problemas de comportamento inadequado dos alunos, como tínhamos expectado, por esta modalidade apelar uma pouco ao contato físico agressivo, o que poderia ter acontecido devido às dimensões do campo, que são pequenas, mas com a nossa imposição de autoridade e disciplina esse comportamento não se verificou. E também pela compreensão dos alunos, nos momentos em que interrompia-mos o tempo de jogo para conversarmos com eles, para acalmar os ânimos. Penso que o torneio se poderia realizar no pavilhão antigo, devido às suas dimensões serem maiores, com as medidas oficiais do campo de andebol, e terem bancadas para os colegas apoiarem as turmas. Por regulamentação da escola, não podemos realizar o torneio no pavilhão antigo, o que penso que o torneio

poderia ter ganho mais ênfase na fluidez de jogo e número de alunos a participar, pois o novo pavilhão também limitava o número de participantes em jogo devido às suas dimensões serem reduzidas a metade de um pavilhão com dimensões oficiais.

4.4 Relação com a Comunidade

No que diz respeito à relação com a Comunidade além de termos feito serviço em três diferentes secções da escola; o centro de recursos, no apoio ao aluno na biblioteca, e a sala de integração ao aluno (SIA), tinha-mos optado por organizar um evento com a modalidade de canoagem. Neste evento, tinha planeado convidar os atletas Olímpicos medalhados na Canoagem, Fernando Pimenta e Emanuel Silva e também o Campeão da Europa e Vice-Campeão do mundo de Maratonas em canoagem, José Ramalho e a Campeã do Mundo em 500m da mesma modalidade Joana Vasconcelos. Seria uma oportunidade para os atletas transmitirem aos alunos, “*o que é ser atleta Olímpico*” como conciliam o seu percurso de alto rendimento com a vida académica e do esforço e de dedicação que envolve. Este tipo de atividade permitiria aplicar as minhas competências obtidas ao longo do meu percurso de atleta de canoagem, na sua organização e montagem, o que não foi possível devido à quantia elevada de dinheiro solicitado, tanto pelos atletas como aluguer do material para a atividade.

Como alternativa, ajudei minha colega de estágio a Verónica Silva, na organização da atividade, de escalada e corrida de orientação na FADEUP, que a minha colega pensou para a sua turma.

Esta participação cooperativa na organização da atividade ajudou-me a desenvolver competências importantes para a nossa ação futura enquanto professores e enquanto organizadores de futuras atividades, nomeadamente a proposta da atividade a entregar na direção para a submeter a aprovação, bem como a aprovação dos diretores e professores responsáveis pelas instalações e material. Foi ainda necessária a comunicação desta atividade aos encarregados de educação dos alunos, a requisição do espaço necessário

para a realização da atividade. Tudo isso foi organizado com o maior cuidado para que no dia da atividade tudo corresse da melhor forma.

Podemos dizer que esta atividade foi importante, não só para os alunos, como também para a nossa intervenção com a comunidade, mas também no desenvolvimento de competências de organização que resultam das dificuldades ultrapassadas na sua organização e realização.

4.4.1 Desporto Escolar

No que diz respeito ao desporto escolar, tive um início muito bom, na relação com a professora e com os alunos que integravam a equipa de Badminton do desporto escolar. Aqui que tive a possibilidade de aplicar exercícios de ordem técnica, pois os alunos que estavam naquele local tiveram sempre vontade de aprender, para evoluírem de forma a terem bons resultados nos torneios, até pela diferente forma de treino que eu aplicava, consoante a aluno(a) que estava a treinar.

Os dias de treino estavam marcados para as 2^{as} feiras e 6^{as} das 14.30 até às 15:20, e os torneios eram ao sábado de manhã.

No final antes de acabar as competições, deixei de fazer parte da equipa de badminton, devido a ser repreendido nos dois últimos torneios. As razões desse abandono, foi ser repreendido, por uma das professoras responsáveis da organização dos torneios, por estar a dar instruções antes e depois dos jogos de badminton aos alunos da escola da qual eu estava integrado, e também criar um ambiente festivo com os alunos a torcer pelos seus colegas da escola que representavam. No último torneio fiquei mesmo só pela parte da logística a preencher boletins de jogo e que nesse último torneio já não saímos vencedores em todos os escalões.

A explicação que me foi dada na mesa da organização, para tais repreendas foi que não era justo para os outros alunos das outras escolas, que não tinham professores a apoiá-los haver uma escola que tinha um professor que junto com os alunos apoiavam os seus colegas. Na minha opinião, parar com este ambiente mais festivo e entusiasta, apenas levou a que o ambiente

no pavilhão se transformasse muito monótono. Aconselhado pela professora responsável da nossa escola, fiquei com ela a preencher boletins de jogo de forma a não haver mais exaltações por parte da organização.

Um dos aspetos positivos que fiquei com a experiência do desporto escolar, foi a atitude que consegui mudar nos alunos, que inicialmente não os sentia muito motivados para a prática da modalidade, em que muito me diziam que só iam ao badminton para experimentar, mas não para entrarem nas competições. Mas com o tempo que perdi a treina-los, a dar-lhes a atenção que necessitavam, todos eles se inscreveram para irem às competições sempre entusiasmados de torneio para torneio.

Contudo não faz parte da minha personalidade ficar de braços cruzados, sem sequer puder dar incentivo e motivação aos alunos da nossa escola para ganharmos os jogos e levar o nome da escola o mais longe possível. O que veio acontecer, pois eu estive a faltar aos torneios da equipa que eu jogo ténis de mesa para ir apoiar os alunos da escola, e estava a perder o subsídio que o clube que eu pratico ténis de mesa me dava para pagar as despesas com as deslocações.

Sei que o desporto escolar é fora do contexto do desporto federado, até pela sua estrutura organizativa ser um pouco diferente das competições federativas. Mas penso que os treinos e as competições no desporto escolar, deviam ter outra estrutura organizativa, porque as infraestruturas existem. Agora é preciso criar outro tipo de divulgação, outra forma de estar, que promova o entusiasmo a motivação, a afetividade, e a socialização nos alunos, para que eles pratiquem a modalidade. E estar a dar reprimendas para que estes aspetos não sejam incutidos nos alunos, pelos professores organizadores, aspetos esses que me deixaram desiludido e entristecido com esta experiência que tive no desporto escolar.

4.4.2 Centro de Recursos

Relativamente ao serviço que prestei no centro de recursos, este teve início do mês de Novembro comecei a prestar serviço de apoio na biblioteca e no centro de recursos da escola, que servem como local de estudo e dar apoio aos alunos na sua aprendizagem.

Após uma apresentação das instalações e funcionamento da sala, feitas pela funcionária e professora responsável do espaço, iniciei a minha hora de serviço nesse local. Nesse tempo em que eu estava no espaço, fiquei encarregue de estar de vigia aos alunos com comportamentos menos adequados que perturbassem o funcionamento do mesmo.

Durante o tempo que estive a fazer vigia ao comportamento de alguns alunos mais rebeldes, tive que ser autoritário com estes, devido a eles estarem a jogar nos computadores da biblioteca, quando os computadores seriam para os alunos efetuarem pesquisas para a realização dos seus trabalhos. A escola não tem uma sala para os alunos conviverem, ou realizarem jogos. Contudo, algum tempo depois desta minha participação, a sala da música que existe no exterior, junto ao campo multidesportivo foi aberta para servir de espaço de convívio para os alunos nos tempos que não tinham aulas.

Durante este apoio ao centro de recursos, ajudei a responsável da sala, na requisição de livros para os alunos e professores, ainda ajudei a dar apoio aos alunos tirando dúvidas naquilo que sabia nas diversas disciplinas.

Penso que o tempo que estive no de recursos e biblioteca (ambos partilham o mesmo espaço), foi bem aproveitado, pois deu-me alguma noção do funcionamento, assim como seus intervenientes (funcionários, professores e alunos).

Um aspeto interessante que observei foi que a sala por vezes também é usada para a realização de testes quando não havia sala disponível para a turma o realizar, e também para os alunos dos cursos profissionais reunirem para desenvolverem os seus projetos e trabalhos de prova de aptidão final.

4.4.3 Sala de Integração ao Aluno (SIA)

Esta sala serve para dar apoio de caráter cívico aos alunos que têm comportamentos desapropriados na sala de aula e fora dela. Também existem outros compartimentos na sala que servem para os professores darem apoio aos alunos com mais dificuldades nas matérias abordadas nas aulas teóricas.

No primeiro dia, a professora responsável pela sala, deu-me as indicações necessárias, de como havia de proceder quando viesse um aluno para a sala de integração por mau comportamento. Os alunos que entravam na sala, teriam que primeiro dizer o que aconteceu por terem sido expulsos da sala de aula, preencher um impresso feito pela escola, onde faziam um relatório sobre o que tinha acontecido, no qual entregavam à professora responsável após acabarem o relatório. Após os alunos realizarem essa tarefa, nós professores, conversamos com eles, chamamo-los à atenção para não voltarem a ter esses comportamentos inadequados na sala de aula. Por fim se os alunos tivessem que ficar na sala até ao final da aula, e se eles não trouxessem tarefa para realizarem a mando da professora que os mandou sair da sala de aula, coube-nos a nós manda-los realizar uma tarefa como fazer um resumo de um texto, fazer a interpretação de um poema etc.

O número de alunos a serem acompanhados na SIA era variável. Alguns dias podia até não aparecer nenhum, e noutros a afluência de alunos comportamentos inadequados (tanto na sala de aula, com professores e colegas de turma, como com funcionários fora da sala de aula) era considerável. Assim exigia de mim grande frieza e habilidade para acalmar os alunos que lá apareciam, um deles apareceu mais que uma vez, o que me levou a despender mais tempo do que com os outros para que ele percebesse o erro que estava a cometer ao ligar às provocações dos colegas.

No último dia que prestei serviço na sala de integração ao aluno, após o ambiente estar mais calmo, em conversa com a professora responsável da sala, ela referiu que a função da sala já não tinha qualquer efeito nos alunos, porque eles chegavam ali preenchiam o impresso, e iam embora, fazendo daquilo uma banalidade. Os alunos fazem o relatório, e depois de falarem com os professores, são chamados atenção para as atitudes negativas que podem

influenciar o seu futuro. Contudo não lhe parece que as coisas mudem, devido à notória falta de acompanhamento e atenção por parte dos pais em relação ao comportamento dos alunos na escola.

Como consideração final à minha passagem pela sala de integração do aluno, percebi o quanto é difícil por vezes falar com os alunos, tentar compreender as suas atitudes, chamando-os atenção para a razão. Percebi que os alunos, que passaram pela sala durante a minha experiência, têm uma grande falta de atenção por parte os pais e encarregados de educação, pois muitos deles diziam que se em casa ninguém liga nenhuma à escola para que é que se iam maçar em estudar. Contudo não podemos ficar de braços cruzados pois se não fizermos nada para contrariar esta tendência de banalidade, de desvalorização pela escola as coisas ainda vão ser piores no futuro. Devemos tentar sempre que os alunos tenham a noção de que erraram em determinados comportamentos, para que no futuro pensem melhor naquilo que vão fazer em situações propícias a terem comportamentos que poderão ter consequências irreversíveis no seu futuro, tanto a nível escolar como social.

4.5 Desenvolvimento Profissional

No que diz respeito às atividades relativas ao nosso desenvolvimento profissional, e considerando o EP como a maior de todas essas atividades, opto por destacar dois momentos que devem ser tomados como uma forma de formação pró-ativa. Refiro-me às ações de formação a que assistimos ao longo do ano na faculdade, e aos momentos reflexivos decorrentes da nossa intervenção na escola. Não me refiro apenas aos momentos formais de reflexão, mas também aos momentos informais que nos levam a refletir acerca da nossa prática.

Estes são para mim dois dos pontos fundamentais da formação e do desenvolvimento profissional, a procura constante por uma atualização do conhecimento e uma prática reflexiva persistente.

Assim, neste ano tornou-se visível que a procura de novos conhecimentos e de novas ideias, é indispensável se pretendermos desenvolver e atualizar constantemente a nossa competência profissional.

Apercebi-me assim que só com uma atitude reflexiva e cuidadosa sobre as minhas capacidades, poderia percorrer o caminho para me tornar um “bom professor”. Foi esta atitude que me permitiu superar os desafios que apareceram ao longo do ano, tentei evitar outros obstáculos. Claro que não posso deixar de referir a ajuda e o apoio constante pelos meus colegas de NE e pelo nosso professor cooperante. A reflexão que fazemos das nossas capacidades e das nossas decisões dá-nos a possibilidade de rever as nossas ações, faz com que consigamos compreender e aprender a partir delas. Assim no futuro estaremos mais aptos a enfrentar a realidade com que nos defrontamos. A reflexão foi essencial na comparação entre a teoria e a prática, e permitiu retirar conclusões com o objetivo de evoluir e desenvolver uma forma de “ser professor”.

A auto-análise realizada durante da elaboração do Projeto de Formação Individual (PFI), no início do ano, permitiu-me diagnosticar as minhas dificuldades e virtudes, para que pudesse determinar objetivos para o ano

letivo. Este documento foi assim importante para presumir aquilo que poderia atingir enquanto docente.

O próprio RE, baseado num processo de investigação/ação/reflexão, por permitir expôr e refletir sobre a minha atuação, as minhas estratégias, as minhas ideias, e inclusivamente acerca das minhas reflexões, assume uma importantíssima função no meu desenvolvimento profissional. Durante a sua realização, na procura de dados bibliográficos aos quais pudesse associar e confrontar as minhas práticas, aprofundei o meu conhecimento sobre esta profissão que é sem dúvida um desafio em constante transformação. Segundo Matos (2006) estas duas vertentes assumem-se como inseparáveis já que a teoria recebe os impulsos da prática, preocupando-se com os seus problemas que dela resulta, assim como a teoria também fecunda a prática já que sem ela a prática pedagógica acabaria na arbitrariedade, no caos e em meras rotinas. O estudo que o RE inclui sobre “O valor da Educação Física na Escola”, esclareceu-me sobre os comportamentos que os alunos privilegiam e, assim, contribuiu para que percebesse que caminhos percorrer para que me possa assumir como um professor de qualidade.

Também de ressaltar o contributo do NE, Professor Cooperante e colegas para o meu desenvolvimento. Foi no confronto e partilha de ideias, de conhecimentos e formas de atuar com estes que consegui aperfeiçoar aquilo que de positivo poderia melhorar no meu desempenho.

Por outro lado, o contributo dos restantes professores do grupo de Educação Física também foi importante. A disponibilidade que sempre tiveram para comigo/connosco (NE) e terem permitido assistir às suas aulas para realizar as observações necessárias foi condição indispensável para perceber diferentes posturas e formas de atuar com as quais me pudesse comparar. Através desta comparação, pude também extrair estratégias e comportamento que poderia adotar na minha atuação, sempre com o objetivo de evoluir. No entanto, percebi também que, no ensino, nada é inalterável, ou estável, até porque o comportamento e interesse dos alunos mudaram muito do 1º período para o 2º período, tornando-se difíceis de aplicar as estratégias observadas. Cada estratégia deve ser aplicada tendo em conta a

especificidade dos nossos alunos da situação em que ocorre. Não deve ser encarada como uma receita, mas como uma oportunidade de aprendermos com ela e daí tentar reajustar as nossas estratégias e os nossos métodos, para conseguirmos encontrar a solução mais eficaz para cada situação. Com todos eles pude compreender melhor tudo o que esta profissão de professor de Educação Física abrange. Nos torneios organizados no seio do grupo, ganhei novos conhecimentos e aprofundei outros relativamente à modalidade de andebol, que é uma das que tenho mais fragilidades.

Ainda no âmbito da escola, através do envolvimento que tive com a comunidade escolar pude perceber melhor as características da função de professor e a interação com eles fez com que evoluísse ao nível da comunicação com diferentes pessoas sobre temas importantes. Pude assim completar-me também a nível pessoal tornando-me mais crescido neste aspeto.

Na faculdade, alguns seminários contribuíram para o meu desenvolvimento não só como professor mas também como cidadão. A ação de sensibilização de Suporte Básico de Vida foi a mais significativa, pois na minha opinião, no nosso dia-a-dia somos confrontados, cada vez mais com situações que foram apresentadas nesse seminário. A nossa disciplina é aquela que mais lida com os seres humanos, e que temos de estar preparados para dar resposta a essas situações tanto no dia-a-dia como na atividade de professor. Assim, surgiu em boa hora sentindo-me agora mais preparado para responder rapidamente numa situação de emergência.

Por outro lado, as ações de formação inseridas na unidade curricular do EP, suscitaram o aprofundamento de algumas noções, como a metodologia de investigação-ação e da observação como meio formativo de excelência, e elucidaram-me sobre outros assuntos como a realização do PFI e do RE. Ainda no âmbito destas ações de formação, a presença e a participação naquelas que foram promovidas pelos professores Tiago e Mariana, foi, na minha opinião, de uma grande riqueza em termos profissionais. Refiro isto porque o caráter inovador das mesmas proporcionou uma nova compreensão de ensinar em Educação Física, ou seja, a partir de materiais autoconstruídos. Além disso,

foi muito bom aprender novas modalidades como o Ringo, o Disco, o Paladós e o Basebol, e metodologias para as ensinar. São estas modalidades alternativas que, na minha opinião, podem enriquecer a Educação Física e dar uma motivação extra aos professores e aos alunos.

Por fim, não posso deixar de repetir a referência daqueles que tanto contribuíram para que este ano fosse marcado pelo meu crescimento como professor e como ser humano – os meus alunos. Apesar de a um certo ponto do ano o seu comportamento ter sido complicado de gerir, foi para eles, isto é, com eles no pensamento, que a minha motivação cresceu e que procurei, todos os dias, melhorar. Descobrir os melhores exercícios, idealizar a minha intervenção junto deles, pensar nas melhores estratégias e inovar a minha atuação para lhes promover aprendizagens significativas, foram grandes objetivos que me fizeram evoluir como profissional. Ao longo do ano fui-me apercebendo das suas dificuldades e nas diferenças de comportamentos de cada aluno com o seu caráter individual. Isso revelou ser um desafio enorme para gerir, mas que tive sempre que tentar fazer mais e melhor, embora não se consiga atingir a perfeição pretendia, mas que tentei todos os dias dar o melhor de mim para que todos eles crescessem comigo nas aprendizagens que lhes transmiti.

Fico-lhes sinceramente grato por tudo aquilo que eles me ensinaram e orgulhoso por tê-los tido como alunos, embora não tenha conseguido obter o mesmo sucesso em todos os alunos, principalmente naqueles em que não consegui passar o significado da educação física na escola.

Depois de tudo o que referi, não é possível contestar sequer a singularidade que este ano letivo assumiu. Estar no terreno é, certamente, a melhor forma de aprender. As decisões que tomamos tornam-se reais seja para os exercícios propostos na lecionação das aulas, como nos comentários e diálogos com outros professores e funcionários, influencia outros e, por isso, é mais arriscada. Há que pensar bem antes de atuar, não se ficando dependente da sorte. Contudo, há também que tentar, assumir, experimentar e, posteriormente, refletir, porque só assim é possível descobrir novos caminhos e nos desenvolvermos como professores de Educação Física.

4.5.1 Ação de Formação na Escola

Além das ações de formação realizadas na FADEUP também tive a oportunidade de participar na ação de formação sobre “Educação Sexual, os perigos e atitudes que os jovens devem tomar na idade pubertária”

Esta ação de formação promovida por uma professora da escola, após ter ganho o concurso para que uma empresa de teatro que representou com os seus atores 7 situações diferentes de casais de namorados. Estas representações suscitaram a participação dos alunos, perguntando a sua opinião para a resolução dos problemas ali representados. Os alunos interagiram com os atores levando-os a experienciar algumas situações que os conduziram a resoluções diferentes, de cada situação representada em palco. Esta ação foi bastante útil para saber de que forma e estratégias que devemos usar perante as situações que nos surgem nas aulas com os nossos alunos.

Foi sem dúvida uma experiência enriquecedora e bastante útil, não só no que diz respeito ao conhecimento geral das diferentes situações que acontecem no dia-a-dia dos jovens, como também o conhecimento, no que diz respeito às atitudes erradas que os jovens tomam nas situações demasiado complexas. Estas situações levam-nos a cometer erros irreversíveis, que põe em causa o seu futuro profissional e social devido às atitudes e comportamentos que tomam com o companheiro, que muitas vezes pode levar ao desespero que a sua falta de experiência, podem conduzir a atos de violência física, como também emocional. Cabe-nos a nós, professores de educação Física que temos um contacto mais próximo e emocional com os alunos, tentar detetar e intervir da melhor forma possível.

4.5.2 A Importância da Reflexão

A reflexão já tinha um papel importante, quer em termos teóricos, quer em termos práticos, no primeiro ano de mestrado, nas práticas pedagógicas. Ao longo deste ano constitui-se, como um “instrumento” indispensável à minha aprendizagem e desenvolvimento como docente.

Schön (1992) refere três tipos de reflexão, nomeadamente a reflexão na ação, a reflexão sobre a ação e a reflexão sobre a reflexão na ação.

Ao planear o ensino, o professor é remetido para a reflexão da sua prática, pois é com base nesta reflexão que o seu trabalho evolui (Moretto, 2007). Ou seja a capacidade do professor em realizar um planeamento eficaz, surge associada à capacidade de refletir. Com essa reflexão, o professor procura realizar o seu trabalho o mais eficazmente possível, como determinar novas estratégias que lhe permitam dar resposta às lacunas identificadas.

Esta realidade acompanhou-me ao longo do ano, na medida em que fui evoluindo na minha capacidade de refletir, para melhorar o meu trabalho desenvolvido ao longo deste ano. Para mim o ato de refletir teve uma importância especial, principalmente nas aulas dos espaços exteriores ameaçadas pelo mau tempo, em que a expectativa sobre a possibilidade de lecionar essas aulas ou em que condições me obrigavam a refletir constantemente para descobrir formas que preservassem a segurança dos alunos. Assim, seria necessário pensar sempre num plano alternativo (como aconteceu aos meus colegas de estágio em que tiveram que lecionar aula num quarto de espaço do pavilhão). Estas eram questões para as quais tinha que ter resposta antes da aula começar para que as estratégias para adaptar os exercícios fossem aplicadas rapidamente.

Recordo-me que inicialmente as minhas reflexões eram muito descritivas, como um relatório de aula. Nesta fase limitava-me a descrever os exercícios, referindo os aspetos que corriam bem e mal da aula.

“...a insistir com eles nos deslocamentos, terem atenção á posição base na receção de forma a reagirem mais depressa ao encontro da bola e direcionar os apoios para o alvo onde querem colocar a bola. No serviço por

baixo, apenas uma aluna teve dificuldade em conseguir colocar a bola por cima da rede, de modo que eu adaptei encurtando a distância da aluna em relação à rede para que esta tivesse sucesso, o resto dos alunos consegue executar o serviço por baixo conseguindo transpor a rede mas que alguns precisam de constantes feedbacks de correção do batimento da bola, dos movimentos dos segmentos corporais para conseguirem direcionar a bola para o alvo pretendido...” (Reflexão da aula 7, 16/10/2012)

Numa segunda fase, apesar de já não realizar uma análise tão descritiva da aula, limitava-me a comparar a eficácia das estratégias aplicadas, procurando identificar as falhas, que me obrigavam a reajustar o planeamento.

Numa última fase, já não sentia a necessidade de me focalizar unicamente nas questões da aula, na busca de soluções imediatas, mas sim para outros problemas de ordem disciplinar. Ao refletir a minha prática, procurava que cada aula contribuísse de forma significativa para a melhoria das minhas competências profissionais.

“...Durante a aula fui observando que será melhor dividir a turma por níveis, pois os rapazes nesta modalidade, não conseguem colaborar com as raparigas para ajudar as colegas a evoluir, e depois o que acontece é que as alunas começam a desinteressar-se pela aula por causa da agressividade que eles impõem durante a prática dos exercícios, e na situação de jogo...”
(Reflexão da aula 59, 28/05/2013)

“...A Nesta parte final da aula, aconteceu um aspeto interessante de uma aluna conflituosa com os colegas, que veio perguntar que se tivesse negativa a educação física ela reprovava, pois já tem negativa a outras disciplinas e notou que fez uma cara de aflição com essa informação, mas que reclamou depois comigo, porque se a nota não contava para a média porque que haveria de contar para reprovar? Eu respondi-lhe que isso tinha sido aprovado na constituição e que as regras eram essas...” (Reflexão da aula 59, 28/05/2013)

As aulas lecionadas foram sempre objeto de reflexão. Desde a primeira reflexão o Professor Cooperante chamou atenção para a qualidade das nossas (NE) reflexões, porque elas enfatizava-se muito na descrição dos acontecimentos, dos exercícios, e não tanto ilação das consequências dos exercícios, da nossa postura, das dificuldades dos alunos e do processo de ensino aprendizagem. Tal atitude reflexiva, acontecendo de forma repetida, promoveu melhorias ao nível do mesmo. Contudo, isso não chegava. Confesso que tive algumas dificuldades em perceber como poderia melhorar as minhas reflexões, pelo que expus as dúvidas ao Professor Cooperante. Com a sua ajuda, percebi que teria que deixar de me basear tanto nos aspetos exclusivamente da aula e “sair da aula”, pensando nas consequências ao nível da aquisição de hábitos de atividade física, cultura desportiva, isto é, tendo em conta formação integral dos alunos, e também ao nível do ensino, por exemplo, pensando na adequação dos programas de Educação Física. Após ter percebido isso, senti que evoluí ao nível da reflexão. No entanto, confesso que me dava mais prazer refletir sobre a aula, os exercícios e as estratégias, que adotava e que poderia adotar, do que propriamente preocupar-me com aspetos adjacentes, o que não quer dizer que não os considerasse/considere importantes. Era apenas uma questão de prazer.

Hoje considero a reflexão fundamental, não só no estágio profissional, mas também para o futuro. No final do ano de EP, fiquei com duas convicções muito fortes, que são: é através da reflexão que crescemos e aprendemos a estar preparados para novos desafios, corram eles bem ou mal, pois através dos erros é que nós evoluímos. A segunda, é, acredito que estar preparado é a chave para o sucesso profissional, pois sem preparação, é prepararmo-nos para falhar nas nossas competências profissionais e na nossa vida social.

Assim como um atleta de alto rendimento se prepara para a competição através de um regime de treino intenso e extremamente exigente, também o professor se deverá preparar para o ensino com o mesmo empenho e dedicação, para estar preparado para novos desafios. Mesmo que as nossas opções não corram conforme aquilo que tínhamos planeado, devemos sempre

aprender com os erros e seguir em frente para não os cometer novamente, só assim se consegue vencer na vida.

5. CONCLUSÃO E UMA ANTEVISÃO DO FUTURO

O EP constitui-se como uma oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos nos primeiros anos de Faculdade, um verdadeiro complemento dos conhecimentos teóricos com situações práticas, que me permitiram construir um estilo diferente daquele que tinha adquirido como treinador.

Após ter conseguido chegar a este último capítulo, do relatório de estágio, percebo que o conjunto de páginas e pensamentos construídos, e refletidos nos documentos que elaborei durante todo este ano letivo, não foram suficientes para expressar a forma como senti este ano de EP. Este foi o ano, em que tudo o que tinha ficado para trás, fazendo sentido o conhecimento que adquiri ao longo da licenciatura que teve a oportunidade de ser confrontado com o contexto real da profissão docente.

Vários acontecimentos foram marcantes, conheci inúmeras pessoas, percebi diversas realidades, um conjunto alargado de experiências que me fizeram sentir que estava no local certo, na altura ideal para desenvolver a minha atuação profissional de ser professor.

O desporto sempre me cativou, fazendo parte de mim ao longos destes anos de vida, desde a altura em que comecei a minhas atividades desportista, por problemas de saúde é certo, mas depois como atleta federado em algumas modalidades que me deram a capacidade e a persistência de nunca de nunca desistir por um objetivo que em incutisse me mim próprio. Penso que só quem foi atleta de competição (como eu) é que sabe dar o verdadeiro valor do espírito de sacrifício, para lutar sem nunca desistir de chegar à meta com o dever cumprido de que dei o meu melhor. É uma verdadeira paixão aquela que eu tenho pelo desporto, e que tenciono que faça parte de mim até ao final dos meus dias.

As aulas de Educação Física, foram um verdadeiro complemento pedagógico, que juntei ao meu conhecimento pela forma que fui capaz de ver as diferenças entre vertente do treino e o ensino. Proporcionou-me abrir novas perspetivas de ensino nesta minha caminhada desportiva, tendo em conta todos os obstáculos. Terei certamente desafios idênticos ao deste ano: convencer os jovens alunos a adquirirem estilos de vida saudável através do

desporto, nunca desistindo de um sonho que por muito que pareça difícil de alcançar, com força de vontade, com persistência, com dedicação e trabalho de equipa é possível, alcança-lo. Não existe apenas um caminho para alcançar os nossos sonhos, mas sim vários. Cabe-nos a nós professores, ajudar os jovens qual o melhor caminho que eles devem percorrer.

Na despedida dos meus alunos, senti com alguma intensidade, que poderia ter feito melhor por eles, nas suas aprendizagens. Contudo só pensamos nisso depois de ter acabado o ano letivo, e nesse momento, relembra-mos todos os acontecimentos mais marcantes, e nos perguntámos se as opções que tomamos foram as mais corretas, as melhores. No fim fica-me um verdadeiro desafio, de tentar contornar a saudade que é muita. Todos os momentos foram experimentados o melhor possível, contudo, pergunto-me se terá sido igual para os meus alunos. Será que fui capaz de “chegar” a eles? Penso que pelo menos, naqueles que continuaram empenhados e dedicados em aprender nas aulas. Com os que não consegui apenas me resta a tristeza de não o ter conseguido. Muito do que experimentei e procurei foi pensando neles e no seu desenvolvimento integral, isto é, não só como alunos mas também como membros de uma sociedade cada vez mais exigente, para que eles, tal como eu, sejamos capazes de superar os desafios colocados por ela.

Torna-se triste e de alguma forma revoltante que, neste momento de saída do Estágio Profissional, em que me encontro cheio de ideias, vontade e entusiasmo para ensinar, que o futuro seja completamente obscuro, principalmente no que diz respeito à Educação em geral, e à Educação Física em particular. Restar-me-á tentar enveredar por outros caminhos e procurar uma formação mais completa, pois os prognósticos em Portugal na área do ensino não são de nada animadores, sei que este ano de EP e a formação que nele adquiri, como nas ações de formação da Faculdade, foram uma mais-valia para o meu desenvolvimento. Estes conhecimentos serão certamente transferidos e amplificados para outros âmbitos desportivos, ou até mesmo para fora desta área, fazendo o transfere de tudo o que aprendi, como por exemplo o saber trabalhar em equipa. Assim encarei o EP como um espaço vital para o desenvolvimento de várias capacidades e potencialidades quer ao

nível da comunicação, como a nível de gestão, e instrução, sabendo trabalhar em equipa, escutando e refletindo sempre as opiniões dos meus colegas, em colaboração e adaptação ao desconhecido. Tudo isto que referi, é para mim de fundamental importância no processo do ensino de aprendizagem, e para outras áreas e ambiente. Por isso considero que este ano, foi mais que uma preparação para a docência, mas uma preparação para a vida e as oportunidades que possam surgir.

Espero assim que o futuro me reserve a possibilidade de evoluir e, acima de tudo, de sonhar não só em termos profissionais, mas também pessoais, sempre acompanhado por aqueles que mais gosto e mais gostam de mim.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, A. (2003). *Caracterização das concepções dos orientadores de estágio pedagógico e a sua influência na formação inicial em Educação Física*. Porto. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Bento, J. O. (1991). *Desporto saúde vida: Em defesa do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, L. (1987). *Desporto "Matéria de Ensino"*. Lisboa Editorial Caminho, S.A.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte
- Bento, J. & Marques, A. (1990). *Desporto Ética Sociedade*. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Brandão, D. (2002): *Expectativas e importância atribuída à disciplina de educação física - estudo comparativo por género nos alunos do 12º ano de escolaridade nas escolas secundárias do Concelho de V.N. de Gaia*. Dissertação da Tese de Mestrado de Desporto de crianças e jovens. FCDEF. Porto.
- Caires, S. (2001). *Vivências e percepções do estágio no ensino superior*. Braga: Universidade do Minho.
- Caires, S. & Almeida, L. (2003). *Vivências e percepções dos estágios pedagógicos: estudo com alunos de licenciaturas em ensino* [Versão eletrónica]. *Psico-USF*, 8(2), 145-153.
- Costa, J. (s/d.). *O papel da Escola na Sociedade Actual*. Consult. 15 de agosto 2013, disponível em http://www.ipv.pt/millennium/15_pers3.htm.
- Duarte, M. & Fontes, M. (1997). Representações dos alunos sobre a Escola. *O Professor*, 55, 15-20.
- Diário da República, 1.ª série — N.º 4 — 7 de Janeiro de 2008.

- Ferreira, J. (2005). *A importância da motivação nas aulas de Educação Física: Estudo com alunos do 2º ciclo do ensino básico*. Covilhã: Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade da Beira Interior.
- Freire, A. (2001). *Concepções Orientadoras do Processo de Aprendizagem do Ensino nos Estágios Pedagógicos*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Modelos e Práticas de Formação Inicial de Professores: Seminário promovido pelo grupo de trabalho sobre formação inicial de professores. Lisboa, 2001.
- Garcia, R. (2006) Olimpismo: um apelo à transcendência humana. In S.
- Graça, A. & Mesquita, I. (2006). Ensino do Desporto. In Tani, G., Bento, J.O. & Petersen, R. (eds), *Pedagogia do Desporto* (pp.207-217). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Graça, A. & Mesquita, I. (2007). A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7(3), 401-421.
- João Lourenço, CNAPEF; Jornal PÚBLICO 14/06/2012. Consult. 22 de agosto 2013. disponível em <http://www.publico.pt/educacao/noticia/educacao-fisica-nao-vai-contar-para-a-media-final-do-secundario-1550348>.
- Martins, V. (2007). Os valores na vida social. *Mundo Jovem – um jornal de idéias*, 375, 15.
- Martins, V. (2007). A prática de valores na escola. *Mundo Jovem – um jornal de idéias*, 376, 6.
- Matanin, M.; Tannehill, D. (1994). Assessment and Grading in Physical Education. *Journal of Teaching Physical Education*, 13, 395-405.
- Matos, Z. (2006). Contributos para a compreensão da pedagogia do desporto. In Tani, G., Bento, J.O. & Petersen, R. (eds), *Pedagogia do Desporto* (pp. 154-184). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Matos, Z. (2012). Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em

Ensino da Educação Física ns Ensinos Básico e Secundário da FADEUP. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- Ministério da Educação (1992). Portaria n.º 921/92 de 23 de Setembro. Diário da República, Série B n.º220, pp. 4508-4509.
- Ministério da Educação (2007). Decreto-lei n.º 43/2007 de 22 de Fevereiro. Diário da República, 1.ª Série, n.º 38, pp. 1320-1328.
- Ministério da Educação (2007). Decreto-lei n.º 43/2007 de 22 de Fevereiro. Diário da República, 1.ª Série, n.º 38, pp. 1320-1328.
- Meireles, P. A. (2012). *Uma aventura repleta de conquista: Relatório de Estágio Profissional*. Porto: P. A. Meireles. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Mesquita, I & Graça, A. (2009). Modelos instrucionais no ensino do desporto. In Rosado, A. & Mesquita, I. (Eds.), *Pedagogia do Desporto*. Lisboa: FMH edições.
- Moretto, V. (2007). *Planegamento: planegando a educação para p desenvolvimento de competências*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rosado, A. & Mesquita, I. (2009). *Pedagogia do Desporto*. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana – Edições FMH
- Paredes, M. R. (2009). *O Valor Educativo da Competição* Estudo centrado no desporto escolar no Ensino Básico do Concelho de Paredes. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Patrício, M. F. (1993). *Lições de axiologia educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sampaio, D. (1996). *Voltei à escola*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Silva, T. (2009). *Elementos para a Compreensão do Processo de Reflexão em Situação de Estágio Pedagógico – estudo de caso de um Estudante-Estagários de Educação Física*. Porto. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da

Universidade do Porto.

- Siedentop, D. (1991). *Developing Teaching Skills in Physical Education* (3ª ed). California: Mayfield Publishing Company.
- Siedentop, D. (1994). *Sport education: quality PE through positive sport experiences*. Campaign, Ill; United States: Human Kinetics Publishers.
- Schon, D. (1992). Formar professores como profissionais reflexivos. In A. Nóvoa (oord) *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Vickers, J. (1990). *Instructional Design for Teaching Physical Activities: A Knowledge Structures Approach*. Champaign, Illinois: Human Kinetics Books.

7. ANEXOS

Anexos 1– Questionário para os Alunos sobre “O Valor da Educação Física na Escola”

Questionário

As questões que se seguem inserem-se num estudo acerca do valor e importância que os alunos dão à disciplina de Educação Física.

Não existem respostas certas ou erradas, pelo que te solicitamos que respondas em função de ti e das tuas experiências. As respostas ao questionário são anónimas, confidenciais e individuais

Sexo: Masculino _____ Feminino _____ Nível de Escolaridade: _____ Idade: _____

Pertence a alguma equipa de desporto escolar? Sim _____ Não _____

Desportos que pratica (ou) (pelo menos durante um ano): _____

Qual a disciplina que menos gostas? _____

Qual a disciplina que mais preferes? _____

Nos quatro itens seguintes, assinale com um círculo o algarismo que representa a afirmação que melhor se adequa ao seu caso (1= discordo totalmente; 2= não concordo; 3= concordo parcialmente; 4= concordo; 5 = concordo totalmente)

1- Relativamente à participação nas aulas de Educação Física:

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| a) É importante a participação dos alunos nas aulas de Educação Física. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| b) Gosto de participar das aulas de Educação Física. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| c) Sinto-me bem nas aulas de Educação Física | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

2- Relativamente às aulas de Educação Física

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| a) As aulas de Educação Física têm conteúdos difíceis. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| b) As aulas de Educação Física têm uma avaliação exigente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| c) As aulas de Educação Física Importantes para o teu desenvolvimento pessoal. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| d) Melhora a minha condição física. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| e) Ensina-me a praticar desportos coletivos | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| f) Ensina-me a praticar desportos individuais | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| g) Ensina-me jogos recreativos | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

3- Relativamente à importância da Disciplina de Educação Física na escola:

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| a) Relativamente à nota que obtiveste em Educação Física. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| b) Foi uma boa decisão a nota de Educação Física deixar de contar para a média final. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| c) Ajudam os alunos a trabalharem em equipa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| d) Contribuem para o bem- estar físico. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| e) Contribuem para aumentar os níveis de confiança. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| f) Ajudam a melhorar os níveis de superação | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| g) As aulas de Educação Física são tão importantes como as aulas de outras disciplinas da escola. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| h) A disciplina de Educação Física levou-me a praticar desporto fora da escola. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| i) A disciplina de Educação Física levou-me a praticar desporto escolar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

4- Aquilo que me agrada nas aulas de EF é o facto de:

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| a) Serem aulas mistas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| b) Terem atividades diversificadas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| c) Proporcionarem-me momentos de pausa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| d) Serem aulas divertidas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| e) Eu gostar do professor | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| f) Eu ter êxito nas atividades | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| g) Eu ter aulas bem organizadas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| h) O teu professor ser exigente e tratar todos os alunos por igual | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| i) O processo de avaliação ser justo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

5- Aquilo que me desagrada nas aulas de EF é o facto de:

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| a) O processo de avaliação ser injusto. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| b) Não me sentir motivado. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| c) Eu não ter habilidade para o desporto. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| d) Eu não gostar do professor | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| e) Eu não gostar de me equipar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| f) Eu ser obrigado a tomar banho. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| g) O tempo das aulas ser muito escasso. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| h) O teu professor apenas tratar bem os alunos que se destacam e não prestar a devida atenção a todos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| i) As aulas serem desorganizadas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

**6- Qual a importância da EF na sua formação a nível do ensino secundário?
Indique com uma cruz (X) a sua opção**

Sem qualquer importância

Pouco importante

Algo importante

Importante

Muito importante

<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>

**7- Escolheria a disciplina de EF se esta fosse de carácter opcional?
Indique com uma cruz (X) a sua opção**

Sim

Não

